



Universidade
Estadual da
Paraíba



PROFLETRAS

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

JOANA PAULA COSTA CARDOSO E ANDRADE

**GÊNEROS TEXTUAIS VIRTUAIS: ASPECTOS DIALÓGICOS E
COLABORATIVOS DA PRODUÇÃO DE POSTAGENS EM *BLOG***

GUARABIRA - PB

2016

JOANA PAULA COSTA CARDOSO E ANDRADE

GÊNEROS TEXTUAIS VIRTUAIS: ASPECTOS DIALÓGICOS E COLABORATIVOS DA PRODUÇÃO DE POSTAGENS EM *BLOG*

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva

GUARABIRA - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C268g Cardoso e Andrade, Joana Paula Costa
Gêneros textuais virtuais: [manuscrito] : aspectos dialógicos e colaborativos da produção de postagens em Blog. / Joana Paula Costa Cardoso e Andrade. - 2016.
100 p.

Digitado.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras pelo PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Rosângelaneres Araújo da Silva, Departamento de Letras".

1. Cibercultura. 2. Gêneros discursivos. 3. Aprendizagem colaborativa. I. Título.

21. ed. CDD 372.358

JOANA PAULA COSTA CARDOSO E ANDRADE

GÊNEROS TEXTUAIS VIRTUAIS: ASPECTOS DIALÓGICOS E COLABORATIVOS DA PRODUÇÃO DE POSTAGENS EM BLOG

Aprovada em 29 / 01 / 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Rosângela Neres F. Silva

Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva

UEPB – Orientadora

Marineuma

Prof.^a Dr.^a Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti

UEPB – Examinadora

Maria de Fátima de Souza Aquino

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima de Souza Aquino

UEPB - Examinadora

Este trabalho é dedicado a minha família, em especial aos meus pais, Maria das Neves e Abílio Matias (*in memoriam*), ao meu esposo João e aos meus filhos Marco Antonio e João Miguel.

AGRADECIMENTOS

A minha família pelo afeto, pelo cuidado, pelo apoio recebido e pela confiança a mim dedicada.

A todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica pelo reconhecido esforço e dedicação ao curso.

Um agradecimento especial à Professora Rosângela Neres Araújo da Silva, pela atenção e cuidado durante a construção deste trabalho e pela amizade e respeito em nosso convívio acadêmico.

Aos colegas de sala, pelo companheirismo, pela troca de conhecimento e, sobretudo, pela amizade construída de modo sincero e duradouro.

A todos os meus amigos que, vivendo perto ou longe, estão sempre em meu coração e são afetuosamente queridos.

*A condição humana deveria ser o objeto essencial
de todo o ensino.*

Edgar Morin

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo tornar a prática da leitura e da escrita uma atividade significativa, através da produção textual de gêneros discursivos virtuais, com destaque para construção colaborativa de um blog, identificando a emergência de um estilo pessoal na produção textual escrita, possibilitando o estudo dos aspectos estilísticos dos textos informativos disseminados no mundo midiático. Para empreendermos esta análise, buscamos os estudos bakhtinianos (2000, 2009), acerca dos gêneros discursivos, bem como os estudos de Marchuschi (2008), sobre os gêneros textuais virtuais. Além disso, contamos com as contribuições de Pierre Lévy (2010) acerca do fenômeno da Cibercultura. Em seguida, realizamos a análise do *corpus*, a fim de observar os elementos que concorrem para construção de uma prática textual significativa. Os estudos realizados demonstraram que a participação dos alunos em espaços virtuais pode favorecer os processos de comunicação real, de autonomia do aluno em desenvolver o uso da língua, da utilização da prática de representação de papéis sociais, e por fim, da utilização de instrumentos que sejam capazes de ultrapassar as fronteiras do espaço físico da sala de aula. Podemos reconhecer, ainda, que uma abordagem mediada pelo trabalho com os gêneros textuais/discursivos humaniza as relações no espaço na sala de aula e fora dele, já que traz em si a preocupação de conceber a língua não apenas como um sistema com regras, estruturas e usos, mas como algo que representa uma comunidade, uma cultura.

Palavras-chave: Cibercultura. Gêneros discursivos. Aprendizagem colaborativa.

ABSTRACT

This study aimed to make the practice of reading and writing a meaningful activity, through textual production virtual genres, highlighting collaborative construction of a blog, identifying the emergence of a personal style in writing textual production, allowing the study of the stylistic aspects of informational texts that is disseminated in the media world. To accomplish this analysis, we seek the Bakhtinian studies (2000, 2009), about the genres, as well as studies of Marchuschi (2008) on the virtual genres. In addition, we rely on the contributions of Pierre Lévy (2010) about the Ciberculture phenomenon. Then we conducted the analysis of the corpus, in order to observe the elements that contribute to building a meaningful textual practice. The studies carried have shown that the participation of students in virtual spaces can favor the real communication processes, learner autonomy in developing the use of language, the use of the practice of representation of social roles, and finally, the use of instruments be able to overcome the boundaries of physical space of the classroom. We recognize also that an approach mediated work with genres / discursive humanizes the relationships within the classroom and outside it, as it brings with it the concern of conceiving language as not only a system with rules, structures and uses, but as something that is a community, a culture.

Keywords: Ciberculture. Genres. Collaborative Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de postagem em blog.....	49
Figura 2: Exemplo de comentário.....	50
Figura 3 Classificação de blogs.	51
Figura 4: Exemplo de blog profissional.	52
Figura 5: Exemplo de blog pessoal.	52
Figura 6: Exemplo de blog organizacional.	53
Figura 8: Página inicial do blog	61
Figura 9: Postagem sobre o aniversário da Escola Odilon.....	62
Figura 10: A questão ambiental na escola	63
Figura 11 Postagem sobre o blog Nosso lugar no mundo.	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Conhecimento em Informática	57
Gráfico 2: Frequência de acesso a Internet.....	58
Gráfico 3: Formas de acesso à Internet	58
Gráfico 4: Conteúdos acessados com maior frequência	59

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	CULTURA E CIBERCULTURA.....	18
2.1	Considerações gerais sobre cultura.....	18
2.2	Considerações gerais sobre cibercultura	24
2.3	Aspectos gerais da aprendizagem colaborativa no ambiente virtual	26
3.	O CARÁTER DIALÓGICO DO GÊNERO DISCURSIVO	30
3.1	Dialogismo: breves considerações.....	30
3.2	O estudo dos gêneros sob o olhar da midiologia.....	33
3.3	Intertextualidade: uma delimitação conceitual	37
3.4	Gêneros textuais/discursivos.....	40
3.5	Elementos dos gêneros discursivos: composição, tema e estilo	43
3.6	Estudos sobre o caráter dos Blogs: gênero ou suporte?.....	45
3.7	Caracterização e tipologias	47
3.7.1	Classificação tipológica	50
4.	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	55
4.1	Aspectos metodológicos	55
4.2	Mapeamento descritivo das ações.....	56
4.3	Caracterização da Turma	57
4.4	Detalhamento das ações desenvolvidas	60
4.4.1	Apresentação do projeto.....	60
4.4.2	Estudo do gênero textual blog	60
4.4.3	Criação do Blog	61
4.4.4	Processo avaliativo	64
4.4.5	Atividades complementares	65
5.	ANÁLISE DOS TEXTOS PRODUZIDOS	66
5.1	Texto 1	66
5.2	Texto 2	70
5.3	Atividades complementares	74
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS.....	81

ANEXOS	85
I. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	86
II. QUESTIONÁRIO	98
III. TEXTO PARA DISCUSSÃO INICIAL SOBRE BLOG.....	102

1. INTRODUÇÃO

O trabalho com os gêneros textuais tem se manifestado nos processos de ensino-aprendizagem de língua materna devido a sua capacidade de promover a contextualização de todo e qualquer evento comunicativo. Tal característica tende a construir uma forte relação entre os conteúdos abordados no ensino de línguas e a realidade de cada estudante, uma vez que os gêneros textuais estão presentes em nosso cotidiano e são socialmente partilhados.

Dessa forma, na tentativa de contribuir com a melhoria da qualidade da aprendizagem de língua portuguesa e tornar a prática da leitura e da escrita uma atividade significativa através da produção textual de gêneros discursivos virtuais, acreditamos que a iniciativa de adotar, como abordagem didática, a perspectiva dos gêneros como mediadores do processo de ensino-aprendizagem de uma língua, é capaz de favorecer o desenvolvimento de competências e habilidades comunicativas necessárias ao conhecimento e uso proficiente.

Notoriamente, o trabalho com os gêneros textuais é capaz de favorecer uma aprendizagem significativa porque são coletivamente partilhados, ou seja, eles são construídos socialmente e pertencem a uma comunidade que domina seus elementos constitutivos e reconhece suas principais características. Assim, ao se deparar com um determinado tipo de gênero, o sujeito é capaz de adequar sua linguagem àquele gênero específico.

Para além das intervenções didáticas, constitui nosso propósito, tornar a prática da leitura e da escrita uma atividade significativa, através da produção textual de gêneros discursivos virtuais, com destaque para construção colaborativa de um blog.

Além disso, interessa-nos identificar as relações que são estabelecidas entre linguagem e identidade que permeiam o ambiente virtual, tendo em vista que a representação pessoal nesse espaço é mediada essencialmente pela escrita, fato que favorece a emergência de um estilo pessoal, possibilitando o estudo dos aspectos estilísticos que contribuem para construção da identidade dos sujeitos da juventude, no mundo midiático.

Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- (1)** Analisar os elementos que caracterizam o *blog*.

- (2) Discutir elementos que concorrem para a construção de uma prática textual significativa abordando temas da realidade local, observando aspectos culturais e regionais, incentivando o estudante a refletir sobre sua comunidade.
- (3) Abordar os conteúdos gramaticais do ensino de língua portuguesa através do estudo das características de textos informativos com destaque para o estudo da linguagem empregada para o texto informativo
- (4) Empregar o gênero textual virtual *postagem em blog* como ferramenta de expressão e informação.

Dessa forma, esse trabalho se justifica enquanto oportunidade de fazer com que os alunos de língua portuguesa do 9º ano do ensino fundamental ampliem seus horizontes no que diz respeito as possibilidades de uso da língua, na tentativa de aproximar a escola e a comunidade na medida em que leva os alunos a perceberem a relação entre os conteúdos didáticos apresentados na sala de aula e a sua materialização na vida social, incluindo aí o estudo de conteúdos gramaticais componentes do programa de ensino de língua portuguesa, favorecendo, dessa forma, significativas melhorias na qualidade da aprendizagem, uma vez que buscamos aproximar o ambiente escolar à realidade vivida por cada aluno.

Nessa perspectiva, essa iniciativa se configura como uma proposta interdisciplinar, tendo em vista que as habilidades empregadas para realização das atividades propostas exigem a mobilização de conhecimentos pertencentes a diversas áreas do saber, dentre as quais destacamos a área de Língua Portuguesa, no que se refere aos estudos acerca dos gêneros textuais, e as disciplinas de Artes Visuais e Matemática, no que se refere às habilidades necessárias para diagramação da página virtual, além da mobilização dos conhecimentos em informática.

No tocante aos aspectos teóricos, a fim de melhor contextualizar as discussões acerca dos conceitos de cultura, buscamos os estudos de Laraia (2006) e Bosi (2006). Ainda sobre este tema, observamos as contribuições de Levy (2010), para empreendermos uma discussão acerca do conceito de cibercultura.

Com o objetivo de caracterizar os gêneros discursivos, recorreremos aos estudos de Marchuschi (2008) e Fiorin (2012), bem como os trabalhos de Bakhtin (2000, 2009) acerca das questões de estilo. De modo mais específico, sobre os gêneros virtuais,

buscamos às contribuições de Marchuschi (2005) e Angeli (2001) no que se refere aos estudos sobre blogs.

No que tange aos aspectos metodológicos, o desenvolvimento da proposta de intervenção se deu no espaço escolar com alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas, localizada na cidade de Cuitegi, Paraíba.

Dividimos a exposição dessa pesquisa da seguinte maneira: no capítulo inicial, propomos uma discussão sobre os conceitos de cultura e Cibercultura com vistas a melhor contextualizar o espaço social no qual os sujeitos fazem uso da linguagem.

No segundo capítulo, discorreremos acerca do caráter dialógico dos gêneros textuais, abordando dessa forma os conceitos de dialogismo, intertextualidade e midiologia. Além disso, tratamos da caracterização dos gêneros textuais, com destaque para os textos informativos postados em blogs.

O terceiro capítulo é composto pela descrição da proposta de intervenção pedagógica desenvolvida, com o detalhamento das ações realizadas.

O capítulo seguinte traz a análise dos textos produzidos pelos alunos e postados no blog *Meu lugar no mundo*.

Este estudo demonstrou que as atividades descritas podem favorecer os processos de comunicação real, da autonomia do aluno em desenvolver o uso da língua, da utilização da prática de representação de papéis sociais, e por fim, da utilização de instrumentos que sejam capazes de ultrapassar as fronteiras do espaço físico da sala de aula

A partir deste estudo, é possível reconhecer, ainda, que uma abordagem mediada pelo trabalho com os gêneros textuais/discursivos humaniza as relações no espaço na sala de aula e fora dele, já que traz em si a preocupação de conceber a língua não apenas como um sistema com regras, estruturas e usos, mas como algo que representa uma comunidade, uma cultura.

Acerca do trabalho com o blog é importante destacar que as produções ligadas à internet são essencialmente baseadas na atividade escrita e esse caráter potencializa sua função pedagógica, no que se refere ao ensino de uma língua. Além disso, o blog tem se tornado uma ferramenta de comunicação muito popular graças à facilidade de edição, atualização e manutenção dos textos sem a necessidade de um conhecimento técnico específico para tal atividade.

Esta característica possibilita que o usuário, com um mínimo de conhecimento sobre informática e com o domínio básico sobre ferramentas de edição de textos possa tornar públicas suas produções textuais.

2. CULTURA E CIBERCULTURA

Esta seção de nossa pesquisa se destina a discutir o conceito de cultura, bem como a noção de cibercultura, enquanto dinamizadora dos processos culturais resultantes das relações entre os sujeitos no ciberespaço.

2.1 Considerações gerais sobre cultura

Acerca do termo cultura, sua raiz etimológica, segundo Olinto e Schøllhammer (2008), está relacionada às raízes latinas de *colere*, cultivar ou instruir, e *cultus* cultivo. Objeto primordial da Antropologia, os estudos sobre cultura atualmente permeiam várias áreas do saber.

Marconi e Pressoto (2007) acrescentam que, em síntese, a cultura pode ser entendida como resultado da invenção social, sendo aprendida e transmitida por meio da aprendizagem e da comunicação. Nos estudos que constituem a obra *Antropologia: uma introdução*, os autores afirmam que muitos são os conceitos formulados acerca do termo cultura, e que por isso mesmo, podemos dizer que ainda não há um consenso sobre seu significado exato. No entanto, Olinto e Schøllhammer (2008) afirmam que embora existam algumas diferenças entre os conceitos elaborados a respeito do termo cultura, é possível encontrarmos alguns pontos de convergência. Dentre eles, o principal talvez se refira ao entendimento da dupla função da cultura:

Hoje, uma parte significativa de concepções de cultura converge tacitamente na ideia de ela exercer uma dupla função de orientadora e de tradutora de processos comunicativos que se materializam em diversos sistemas simbólicos, em convicções e valores, responsáveis tanto pela sua constante produção de sistemas sociais quanto pela sua constante transformação (OLINTO & SCHØLLHAMMER, 2008, p. 73).

De acordo com Laraia (2006), no final do século XVIII, o termo germânico *kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais ao mesmo tempo em que o termo francês *civilization* era utilizado para expressar as realizações materiais de um povo. Edward B. Tylor, em seu termo inglês *culture*, conseguiu sintetizar as duas áreas – as realizações materiais e o mundo espiritual – ao definir cultura como “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (MARCONI & PRESSOTO, 2007, p. 22). Para Tylor, o termo busca englobar a totalidade das coisas e acontecimentos relativos ao homem.

Estabelecendo uma organização cronológica das tentativas de conceituação do termo cultura, Marconi e Pressoto (2007) destacam que, em 1936, o antropólogo americano Ralph Linton atribuiu duas dimensões ao conceito de cultura, ao afirmar que

a cultura de qualquer sociedade consiste na soma total de ideias, reações emocionais condicionadas a padrões de comportamento habitual que seus membros adquiriram por meio da instrução ou imitação e de que todos, em maior ou menor grau, participam (MARCONI E PRESSOTO 2007, p. 22).

As duas dimensões se configuram nos seguintes aspectos: num primeiro momento, a cultura tem uma amplitude geral, assumindo um caráter de totalidade da herança social da humanidade; num outro aspecto, de cunho mais restrito, a cultura se refere a uma determinada variedade dessa mesma herança, não mais a totalidade, mas um espaço específico de manifestação dessa mesma herança social.

Marconi e Pressoto (2007) também apresentam as ideias de Leslie A. White, antropólogo americano, em *O conceito de cultura*, afirma que podemos entender que a cultura é construída

quando coisas e acontecimentos dependentes de simbolização são considerados e interpretados num contexto extra-somático, isto é, em face da relação que têm entre si, ao invés de com os organismos humanos. (MARCONI & PRESSOTO, 2007, p. 23).

Para White (2009), é preciso pensar a cultura como sistema composto por uma ordem específica de fenômenos imanentes à própria cultura, ou seja, que em muitos casos independem do organismo humano (tomado em sua esfera individual) já que os fatos culturais podem atuar em duas perspectivas: podem estabelecer relações entre a sociedade como um todo, ou entre o todo e suas partes.

Em síntese, podemos entender que a cultura de um povo é formada por tudo que ele é capaz de aprender e de transmitir através de sua vida em sociedade.

Por sua vez, acerca do entendimento dos termos *cultura* e *cultura popular*, Santos (1999) esclarece que o termo *popular* é repleto de definições. Para a autora, o termo traz em si a complexidade da palavra *povo*, que se refere, ao mesmo tempo, a uma multidão de pessoas, aos habitantes de um mesmo país que compõem uma nação e a parte mais pobre dessa nação em oposição aos nobres, ricos e esclarecidos. De um modo geral, designa aquilo que é relativo ao povo, que vem do povo, ou que é feito para o povo.

Bosi (1996) apresenta uma definição de cultura popular muito próxima ao entendimento do termo cultura, já apresentado anteriormente. Para a autora, podemos chamar de *cultura popular* o sistema de ideias, imagens, atitudes e valores que compõem uma dada realidade cultural estruturada a partir de relações internas no cerne da sociedade. Contudo, destaca que esse termo é de difícil conceituação uma vez que seu uso exige do pesquisador a escolha de um ponto de vista, ou seja, implica em uma “tomada de partido” por parte do estudioso.

Em sua obra, *Cultura de Massa e cultura popular: leituras de operárias*, a autora apresenta a visão de Gramsci acerca da definição de cultura popular. A autora destaca que, para Gramsci, ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe a cultura criada pelo povo. Esta cultura consegue articular uma concepção de mundo e da vida em contraposição àquela disseminada pelos esquemas oficiais.

Assim, para Bosi (1996), a cultura popular guarda estratos fossilizados, conservadores, e até mesmo retrógrados, que refletem condições de vidas de gerações passadas, mas também apresenta formas criadoras, progressistas, que contradizem a moral dos estratos dirigentes. A partir dessa afirmação podemos atribuir um duplo caráter para cultura popular: o fato de esta ter suas raízes no terreno do passado, ao mesmo tempo em que projeta seu olhar para o futuro ao se pautar pela reelaboração constante de seus elementos.

Bosi (1992) afirma que a cultura brasileira não é homogênea. Para o autor, um estudo da cultura brasileira deve reconhecer o caráter plural resultante de um processo de “múltiplas interações no tempo e no espaço” (BOSI,1992, p.7). O estudioso fundamenta sua posição com base na premissa de que, no arcabouço de nossa formação cultural, percebemos a influência de culturas ibéricas, indígenas e africanas, e este destaque por si só já denota o caráter de pluralidade defendido pelo autor. Além disso, o autor ressalta que estas culturas, que estão na base de nossa formação, também já são, de antemão, heterogêneas e, assim, polimorfos, pois já traziam consigo um teor considerável de fusão cultural no momento de contato interétnico.

O autor destaca a variável *tempo* como um dos princípios diferenciadores culturais. De acordo com ele, podemos perceber vários ritmos ou tempos sociais das culturas do Brasil. Para o estudioso, uma sociedade capitalista preza pela “fabricação ininterrupta de signos com vistas ao consumo total” (BOSI, 1992, p.8), fato que necessariamente gera um *tempo cultural acelerado* ou ainda, a montagem dos bens simbólicos passam a se dá em ritmo industrial. Nesse sistema:

As representações devem durar pouco, ou só enquanto o público der mostras de consumi-las com agrado. Cumprida a fase da digestão amena, torna-se imperiosa a substituição dos signos e das séries, quando não de padrões de gosto inteiros. O *sempre novo* (embora não o *sempre original*, dadas as limitações fatais do produtor) comanda essa caricatura de eterna vanguarda que não hesita, porém, em valer-se de velhos clichês ou de periódicos *revivals* mal o assunto minguar ou morre (BOSI, 1992 p. 9) (grifos do autor).

O autor defende que esse tempo cultural acelerado é o responsável pela “perda de memória social”, ou seja, na pressa imposta pelo ritmo da indústria cultural capitalista, o sujeito sofre uma espécie de urgência de substituição, uma espécie de necessidade de alimentação constante de signos que serão esquecidos tão logo seja suprida sua necessidade. Em suas palavras, este é o “caráter descartável que o signo adquire dentro do regime industrial avançado” (BOSI, 1992, p. 10).

Dessa forma, ele nos impulsiona a seguinte reflexão: entendendo que o indivíduo só será capaz de reter o que sua própria cultura vivida lhe permitir filtrar e

avaliar, é necessário fomentar os processos de seleção e de crítica das mensagens, é preciso que o sujeito seja exposto a outros ritmos de cultura que não somente aquele industrial/capitalista. Nesse quadro, destaca a existência de uma resposta dividida em duas dimensões: a dimensão popular e a dimensão erudita, ambas possuindo ritmos próprios e modo específico de existência histórica e subjetiva.

No que se refere ao aspecto da temporalidade, ele ressalta que a cultura popular apresenta um tempo cíclico, visível nas experiências das áreas rurais mais antigas e se fundamenta na tentativa de um retorno de situações reforçadas e valoradas pela memória do grupo.

O autor destaca como ciclos:

Tempo sazonal, tempo do lavrador, marcado pelas águas e pela seca.
Tempo lunar: tempo das marés, tempo menstrual. Tempo de ciclo agrário, da sementeira à ceifa, com a pausa necessária ao descanso da terra. Tempo do ciclo animal: do cio ao acoplamento, da gestação ao parto, da criação ao abate ou a nova reprodução. (BOSI, 1992, p.11)

Podemos perceber que o autor associa o ritmo da cultura popular a uma espécie de tempo natural, de compasso mais lento, mais resistente a uma intervenção de caráter consumista. Como exemplo, podemos destacar que apesar dos avanços que as pesquisas científicas têm proporcionado no que se refere à intervenção no espaço rural, os ciclos naturais das grandes culturas agrícolas permanecem.

No que se refere às inovações no campo da cultura popular, Bosi (1992, p. 11) afirma que “Sempre que uma inovação penetra a cultura popular, ela vem de algum modo traduzida e transposta para velhos padrões de percepção e sentimento já interiorizados e tornados como que uma segunda natureza.”

Ao tratar da cultura erudita, Bosi (1992) destaca que o cerne de uma cultura erudita seria constituído pela liberdade e pela universalidade e na composição de seus participantes estariam intelectuais ligados às mais diversas áreas acadêmicas, bem como os responsáveis pela criação artística e por sua crítica.

Segundo o autor, a cultura erudita possui certa liberdade em face ao mercado atual de signos, além disso, a produção cultural oriunda dessa dimensão apresenta um alto grau de consciência universalizante “que as linguagens regionais não

alcançam, a não ser quando trabalhadas pela arte erudita ou quando interpretadas pelas ciências humanas” (BOSI 1992, p. 12-13). Para ele “o que singulariza a cultura “superior” é a possibilidade que ela tem de avaliar a si mesma; em última instância, é a sua autoconsciência.” (BOSI 1992 p. 14)

Feitas algumas reflexões acerca do conceito de cultura, passemos agora a discussão sobre a relação entre cultura e cibercultura.

2.2 Considerações gerais sobre cibercultura

De acordo com Lévy (2010, p. 17), o termo cibercultura designa “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

A ideia de ciberespaço pode ser compreendida como um espaço específico de manifestações sociais, que se destina a fomentar a produção cultural de uma sociedade, uma vez que é capaz de favorecer o aprendizado de hábitos, a construção de valores, o estabelecimento de padrões comportamentais, bem como viabiliza a transmissão dos bens sociais construídos nestes processos.

Para Lemos (2004, p. 5):

A cibercultura, esse conjunto de processos tecnológicos, midiáticos e sociais emergentes a partir da década de 70 do século passado com a convergência das telecomunicações, da informática e da sociabilidade contracultural da época, tem enriquecido a diversidade cultural mundial e proporcionado a emergência de culturas locais em meio ao global supostamente homogeneizante. Uma das principais características dessa cibercultura planetária é o compartilhamento de arquivos, música, fotos, filmes, etc., construindo processos coletivos. (LEMOS, 2004, p.5)

Assim, para além de um conjunto de técnicas, podemos entender que a cibercultura atua como dinamizadora cultural a partir da noção de que é capaz de promover a partilha, a transformação, a disseminação e a troca de ideias e de conhecimento através de processos cooperativos que resultam da reelaboração dos elementos apresentados, reforçando, dessa forma o caráter heterogêneo e plural da cultura.

Na produção cultural, não se pode identificar uma propriedade, uma fonte única. São os processos de interação social, de intercâmbio, de satisfação de necessidades, bem como a livre circulação de informação e conhecimento que geram *cultura*.

Ainda para Lemos (2004, p. 11),

a Cibercultura potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos. Não existe propriedade privada no campo da cultura já que esta se constitui por intercruzamentos e mútuas influências.

Para nossa discussão é importante destacar a relação existente entre o conceito de ciberespaço e da cibercultura. Para Levy (2010, p. 17), o ciberespaço é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”.

Assim, à primeira vista, o ciberespaço parece apartado da nossa realidade, contudo é imprescindível estabelecer a convicção de que o ciberespaço é uma produção da cibercultura, e como todo tipo de cultura, é essencialmente uma produção humana, de sujeitos socialmente marcados. Dessa forma, concordamos com Santaella (2003, p.8) quando esta afirma que

a cibercultura, tanto quanto quaisquer outros tipos de cultura, são criaturas humanas. Não há uma separação entre uma forma de cultura e o ser humano. Nós somos essas culturas. Elas moldam nossa sensibilidade e nossa mente, muito especialmente as tecnologias digitais, computacionais, que são tecnologias da inteligência.

Assim, a presença do sujeito é primordial para que as interações no ciberespaço se concretizem e produzam seus efeitos.

A fim de discutir sobre como o ciberespaço e sua capacidade de favorecer o compartilhamento de informações, a cooperação e a apropriação de bens simbólicos pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, apresentamos no tópico seguinte os aspectos gerais relacionados à aprendizagem colaborativa no ambiente virtual.

2.3 Aspectos gerais da aprendizagem colaborativa no ambiente virtual

Para Torres (2004), a proposta de aprendizagem coletiva se caracteriza inicialmente pela participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, assim o aluno não é um mero espectador de sua formação; ao contrário, ele é protagonista, constituinte fundamental da construção do conhecimento.

Numa iniciativa de aprendizagem colaborativa, a produção do conhecimento se dá de modo coletivo, a partir das interações entre os alunos, seus questionamentos e as reflexões resultantes deste processo. Nela, o professor assume o papel de mediador, isto é, o professor não se destaca como detentor do saber, mas sim, inclui-se no grupo e busca orientar as discussões, indicar os caminhos, para que os alunos consigam atingir os objetivos de aprendizagem de maneira autônoma e responsável.

Nesse aspecto, cabe ao professor desenvolver estratégias que busquem estimular, sobretudo, os processos de expressão e de comunicação entre os membros do grupo, favorecendo assim uma flexibilização dos papéis assumidos em sala de aula, na tentativa de promover o processo de construção coletiva do saber.

No entanto, a responsabilidade sobre as questões metodológicas pertinentes a ministração dos conteúdos, continua atrelada ao professor, que dispõe de conhecimento técnico necessário para a realização de ações referentes ao planejamento, à seleção de conteúdos, ao processo avaliativo, etc.

Entretanto, nas situações de aprendizagem colaborativa, é possível valorizar as ideias de liberdade e de responsabilidade sobre o processo de ensino-aprendizagem, bem como é interessante trabalhar a noção de autoria. Logo, as iniciativas de aprendizagem colaborativa buscam valorizar o processo, o como fazer, e não, considerar apenas o produto final, para fins de avaliação.

Sobre a aprendizagem colaborativa, Leite et al (2005) afirmam que

fica evidente que é por meio da construção em conjunto e com a ajuda entre os membros do grupo, que se busca atingir algo ou adquirir novos conhecimentos, sendo que a base da aprendizagem colaborativa está na interação e troca entre os alunos, com o objetivo de melhorar a competência dos mesmos para os trabalhos colaborativos em grupo.

Para os autores, o trabalho pedagógico de modo colaborativo com os alunos deve ter como referência uma prática educativa que esteja baseada em um novo paradigma que perceba o educando como um ser não-fragmentado, isto é, perceba o aluno em sua totalidade, superando a visão fragmentada do conhecimento.

Além disso, destacam a necessidade de que a prática pedagógica assuma o diálogo como princípio de sua ação e reconheça os novos papéis assumidos pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, destaca-se a necessidade de se aliar a tecnologia inovadora como recurso fundamental para promover uma aprendizagem eficiente.

Assim, para que as experiências de aprendizagem colaborativas sejam realmente exitosas, é necessário que o novo paradigma para o ensino-aprendizagem busque uma visão de totalidade e de superação da máxima de reprodução do conhecimento.

Sobre a relação entre novas tecnologias e aprendizagem colaborativa, Leite (2005) destaca que obviamente, a aprendizagem colaborativa não depende da tecnologia para que possa ocorrer, entretanto, a autora enfatiza que a popularização da Internet e a sua utilização para fins educativos podem criar oportunidades para o surgimento de um tipo de ambiente colaborativo capaz de oferecer vantagens importantes para seus membros.

Leite et al (2005) afirmam que a tecnologia, aliada a experiências de aprendizagem colaborativa, pode potencializar situações pedagógicas em que professores e alunos sejam levados a pesquisar, discutir e construir *individualmente* e *coletivamente* seus conhecimentos.

Nesse processo, uma ferramenta importante a ser adicionada aos recursos pedagógicos é o computador. Segundo Leite et al (2005, p 1121)

o computador pode ser considerado como um recurso para a aprendizagem colaborativa, pois além de servir para a organização das mais diversas atividades, pode ser um meio para que os alunos colaborem uns com os outros nas atividades de grupo.

Conjuntamente ao computador, o uso da internet de modo criterioso e orientado, pode se tornar um instrumento bastante significativo no processo de

ensino-aprendizagem, uma vez que ela é capaz de viabilizar o acesso a ambientes interativos, colaborativos, motivadores, dinâmicos, multimodais, entre outros.

Para Johnson & Johnson (2001, p. 1):

A aprendizagem cooperativa melhora consistentemente a realização e a retenção, cria relações mais positivas entre os estudantes, e promove saúde psicológica e auto-estima dos estudantes. Nós sabemos mais da aprendizagem cooperativa do que sabemos sobre qualquer outro aspecto de ensino e aprendizagem.

Leite et al (2005) destacam ainda a utilização da proposta da aprendizagem colaborativa em ambientes on-line como qualquer outra proposta de ensino, e que pode também apresentar alguns problemas de execução, caso seu planejamento não tenha sido efetuado de modo satisfatório.

Para os autores é preciso sempre ter em mente que nem todas as tentativas de se aprender colaborativamente são necessariamente bem sucedidas e os objetivos de aprendizagem nem sempre alcançados. Isso se dá, sobretudo, devido ao fato de que as ações coletivas, invariavelmente, sofrem os reflexos dos comportamentos, das ideologias, dos objetivos, dos sujeitos envolvidos no processo.

Além disso, as iniciativas de aprendizagem colaborativas estão sujeitas às dificuldades presentes nos processos comunicativos, dificuldades estas motivadas pelas diferenças culturais, conflitos de interesses, falta de iniciativa; enfim, pelas questões subjetivas que marcam as ações sociais.

Outro ponto a ser observado é a constatação de que nem sempre a atividade coletiva se converte em uma experiência de aprendizagem colaborativa e compartilhada. É preciso estar atento para que esta atividade não se torne uma mera distribuição de tarefas, prática tão comum no cotidiano escolar.

Leite et al (2005) apresentam uma gama de aspectos culturais que podem afetar a interação do grupo, e, conseqüentemente, inviabilizar uma experiência de aprendizagem colaborativa.

Para a autora é preciso estar atento aos diferentes estilos de comunicação, pois ainda que os membros do grupo se conheçam, é possível que no decorrer do processo se estabeleça algum ruído na comunicação entre o grupo. Além disso, a autora observa a existência de diferentes atitudes, diferentes posturas assumidas pelos

membros do grupo diante de conflitos, bem como a existência de diferentes abordagens para execução de uma determinada tarefa.

Segundo a autora, é essencial que o professor seja preparado para contornar as diferentes situações que possam surgir, uma vez que, em sua atuação como mediador, ele deverá empregar sua experiência docente para promover o trabalho em grupo, de forma coletiva, não fragmentada.

Esta exigência se justifica tendo em vista que a proposta de uma aprendizagem colaborativa parte da ideia de construção coletiva, na busca de novos conhecimentos, que por sua vez, resultam da interação entre os indivíduos.

Sucintamente apresentados os aspectos referentes aos conceitos de cultura e cibercultura, passemos agora à apresentação dos pressupostos teóricos acerca dos gêneros discursivos que servirão de base conceitual para o estudo dos gêneros virtuais e das amostras selecionadas.

3. O CARÁTER DIALÓGICO DO GÊNERO DISCURSIVO

3.1 Dialogismo: breves considerações

A fim de iniciarmos nossa reflexão acerca do dialogismo, faz-se necessário destacarmos aqui o pensamento bakhtiniano sobre o fenômeno dialógico. A esse respeito, o teórico argumenta que:

O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva. (BAKHTIN, 2000 p. 294)

O diálogo é entendido como claro e simples pelo fato de que sua manifestação se dá na presença dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo, ou seja, durante o diálogo, é possível ao interlocutor, por exemplo, consultar o locutor a fim de dirimir alguma dúvida que possa surgir no momento da interação verbal. Como exemplos de diálogos reais, Bakhtin cita os diálogos do cotidiano, a conversa comum.

No ambiente digital, graças a sua qualidade assíncrona¹, é possível que esta interação ocorra sem o encontro simultâneo dos sujeitos. Uma provocação lançada em uma postagem, por exemplo, possibilita ao interlocutor a realização de uma consulta ao locutor em momentos diversos, e não somente naquele imediato a fala. Além disso, viabiliza o retorno ao que foi dito, a fim de favorecer esclarecimentos, questionamentos, etc. De certa maneira, podemos dizer que há a ampliação da interação verbal.

Embora simples, cada situação de comunicação exige aquilo a que Bakhtin se refere como *“acabamento específico”*, ou seja, para que haja eficiência na

¹ Termo utilizado em educação a distância para caracterizar a comunicação que não ocorre exatamente ao mesmo tempo, não-simultânea. Dessa forma, a mensagem emitida por uma pessoa é recebida e respondida mais tarde pelas outras. Exemplos: curso por correspondência, correio eletrônico e algumas teleconferências computadorizadas. É o oposto de comunicação síncrona. (MENEZES, 2002)

comunicação, cada enunciado possui características específicas, contornos definidos, modos de falar e de agir que devem ser compartilhados pelos sujeitos do processo. Essas formas definidas e relativamente estáveis são identificadas como *gêneros do discurso*, tema a respeito do qual trataremos mais adiante.

Ao discutir sobre as distinções existentes entre a noção de dialogismo e diálogo, Sobral (2009) destaca que, de modo mais restrito, o diálogo pode ser entendido como uma forma de composição de enunciados/discursos, que por se estabelecer como fenômeno textual e procedimento discursivo é alcançado pela convergência conceitual do termo dialogismo.

Dessa maneira, é possível estabelecer que o diálogo, como elemento discursivo, se apresenta como uma ferramenta que expressa variados aspectos das relações dialógicas existentes entre os enunciados.

Contudo, na concepção de Bakhtin (2009, p. 125), é possível pensar em uma concepção de diálogo mais ampla:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas é verdade, que das mais importantes, da interação verbal. Mas, pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Sobre a possibilidade de ampliação do sentido da palavra diálogo, Bakhtin ressalta que:

A relação existente entre as réplicas de tal diálogo (o diálogo real) oferece o aspecto externo mais evidente e mais simples da relação dialógica. Não obstante, a relação dialógica não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista, etc.). (BAKHTIN, 2000 p. 354 -355)

Para o autor, o diálogo cotidiano contém apenas a face superficial de uma relação dialógica, pois, para além da linguagem, o dialogismo alcança a totalidade das relações humanas, por que “a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo” (2006, p. 348). Por este motivo, é que podemos entender que o diálogo, como recurso discursivo, não é capaz de expressar toda a complexidade das relações dialógicas.

Dessa forma, é possível afirmar que o que define o caráter dialógico existente entre os enunciados é a relação de sentido estabelecida entre eles e identificada pelos sujeitos integrantes do processo de interação no qual ocorre o fenômeno comunicativo.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 1998, p.86)

Sobre o processo de interação, entendido aqui como essencial para construção do sentido, Sobral (2009) afirma que, para o círculo de intelectuais de Bakhtin, a interação abrange os níveis de intercâmbio verbal, intercâmbio social e o contexto social mais amplo que congrega as esferas de atividades humanas. Assim, na visão do autor, o processo de interação é marcado pelas características pessoais, sociais e históricas dos sujeitos envolvidos, bem como pelas circunstâncias materiais e institucionais que interferem no processo de intercâmbio verbal.

De acordo com Sobral (2009) com base nos estudos de Bakhtin, para além do simples diálogo, o conceito de dialogismo abrange uma amplitude filosófica, discursiva e textual e está intrinsecamente ligado ao conceito de interação. Nas palavras do autor, dialogismo “é um conceito que busca dar conta do elemento constitutivo, não apenas dos discursos como da própria linguagem e mesmo do ser e do agir humanos” (SOBRAL, 2009, p. 39).

Em um plano geral, o autor destaca que dialogismo designa em primeiro lugar a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos, uma vez que “o sujeito só vem a existir em relação com outros sujeitos” (SOBRAL, 2009, p. 35). Tal relação intersubjetiva é marcada pela ideia de diferença, fator essencial que permeia as relações entre os sujeitos.

Em segundo lugar, o autor destaca que o dialogismo designa “a condição de possibilidade da produção de enunciados/discursos, do sentido”. (SOBRAL, 2009, p. 36). Para a perspectiva dialógica, a linguagem e os discursos têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade nas situações concretas de exercício da linguagem. Para o autor, o sujeito adquire a linguagem em situações de uso da língua, o que necessariamente, predispõe a existência do diálogo como espaço constituidor de sentidos. Para Sobral (2009, p. 36):

Esse aspecto do dialogismo é a base da amplitude da concepção de interação do Círculo que vai bem além de outras concepções de interação, visto que não se restringe ao contexto imediato, ao ambiente físico do intercâmbio verbal, à textualidade propriamente dita, nem às características pessoais dos sujeitos envolvidos etc., mas reúne esses elementos e vários outros.

Na perspectiva de Sobral (2009), o círculo de Bakhtin entende que a concepção de interação é essencialmente forjada no diálogo e se configura como elemento constitutivo da criação do sentido. Sem a interação, não há diálogo e sem diálogo, não há sentido: “chamo de sentido ao que é resposta a uma pergunta. O que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido” (BAKHTIN, 2000, p. 386). O par pergunta/resposta só é possível no campo do diálogo, na relação entre o eu e o outro.

3.2 O estudo dos gêneros sob o olhar da midiologia

Oportuno seria destacar que o estudo dos gêneros textuais também pode ser guiado pelos princípios que orientam o método da midiologia, ou seja, é necessário

considerar questões relacionadas tanto à interação entre os seres, como também considerar a coletividade que partilha estas formas genéricas.

Podemos reforçar essa ideia tanto a partir das palavras de Marcuschi: “os gêneros textuais são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (2007, p. 19), quanto pelas ideias de Marchezan:

Entende-se que os diálogos sociais não se repetem de maneira absoluta, mas não são completamente novos, reiteram marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade. Por meio do conceito de gênero, apreende-se a relativa estabilidade dos diálogos sociais, ou seja, assimilam-se as formas *pregnantes* que manifestam as razoabilidades (e também a constituição) do contexto sócio-histórico e cultural. (MARCHEZAN, 2012, p. 118)

Acerca dos aspectos midiológicos, Debray (1993) afirma que a midiologia busca estudar as relações de interação existentes entre os fatos simbólicos e um meio material técnico.

Ao tratar da noção de mídiasfera, o autor apresenta alguns elementos que devem ser considerados para o entendimento de uma ideia geral acerca do termo. Sobre estes elementos, o estudioso afirma que não é possível separar uma operação de pensamento das condições técnicas de inscrição, condição e estocagem que possibilitaram sua criação, ou seja, cultura e condições técnicas não se separam.

Em segundo lugar, o autor atenta para o fato de que é essencial a existência de algum tipo de ferramenta mnemotécnica que se configure numa forma de arquivamento, dando especial atenção aos suportes e aos procedimentos de memorização.

Ainda sobre os elementos que concorrem para o estudo da mídiasfera, Debray (1993) apresenta a ideia de que o sistema dominante de conservação de vestígios atua como uma espécie de núcleo organizador, uma vez que exerce a função de guarda desses registros.

Acerca da condição da mídiasfera, Debray (1993) afirma que não existe mídiasfera em estado puro. Para o autor, o que existe é um emaranhado entre redes, utensílios e práticas que se inter-relacionam.

O autor afirma ainda que cada mídiasfera suscita um espaço, um tempo particular, que por sua vez exigirá um realismo diferente, ou seja, exigirá um modo de representar o real, uma dada noção de realidade a partir de um suporte que estará ligado a uma evolução tecnológica e mesmo à organização do mundo.

Por fim, o autor atenta para o fato de que a evolução técnica, a evolução dos meios funciona como condutora da evolução histórica, cultural. Para Debray (1993) podemos falar que existe uma evolução cultural que se distingue da evolução biológica por ser rápida e por ser construída, transformando assim o ambiente cultural em um ecossistema técnico.

Assim podemos inferir que uma mídiasfera é constituída por fatos simbólicos, por um sistema de suporte material que está em constante evolução e ainda por relações de subjetividades, poder e afetos.

Debray (1993) realiza uma analogia entre a mídiasfera e o universo natural a fim de explicar as regras de seu método, tendo vista que, um meio cultural aparece como natural àqueles que vivem em seu interior, no próprio momento. Assim, na visão do autor, um método para os estudos midiológicos deve se pautar inicialmente pelo princípio da interação, considerando sempre a ideia de relação tendo em vista que nenhum ser vivo vive só, ele sempre estabelece relações, por isso se afirma a não existência de uma mídiasfera pura.

Com base nesse princípio, o autor afirma que a midiologia pretende estudar as relações de interação que unem os fatos simbólicos e um meio material técnico, conforme expusemos anteriormente. Outro princípio evocado pelo autor se refere ao princípio da população, o que indica uma atenção para coletividade, entendendo que as ideias andam sempre em conjunto.

Então, ao refletir sobre estes princípios, podemos entender que se deve sempre buscar uma interação entre as coletividades, por assim dizer, o que nos leva a concluir que é necessário que haja uma prática de “exportação” de ideias, de troca entre essas coletividades através dos meios de comunicação.

O autor atenta ainda para o fato de que para que uma mensagem tenha efeito, ela deve se deslocar, deve ser propagada com a ajuda de um suporte, que funciona como um veículo, e sua natureza física comanda seu modo de circulação social.

Dessa forma, é possível perceber alguns aspectos importantes referentes ao caráter dos gêneros discursivos. O primeiro aspecto se refere à individualidade, uma vez que o gênero se refere ao enunciado e este é emanado de um indivíduo integrante das esferas de atividades humanas. O segundo aspecto está relacionado ao seu caráter coletivo, já que é elaborado por uma dada comunidade. Conforme afirma Marcuschi (2007, p. 20) “Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem.”

De modo enfático, podemos afirmar que os gêneros são elaborados dentro de uma coletividade social, a fim de atender a uma necessidade comunicativa específica.

A partir do exposto, podemos perceber que se torna imprescindível para o estudo do gênero, a consideração destes aspectos que envolvem tanto o caráter individual, subjetivo, presentes no uso de determinado gênero e na escolha de seus elementos constitutivos, como o caráter coletivo que estabelece formas padronizadas e critérios de aceitação para o uso de determinado gênero em uma determinada situação de comunicação.

De acordo com Bakhtin (2000), assim como são variadas as atividades humanas, variadas também são as formas de uso da língua e, por conseguinte, os gêneros do discurso, que para o autor, podem ser considerados como entidades heterogêneas, tendo em vista que englobam uma infinidade inesgotável de possibilidades de usos da língua.

Ainda a respeito dos gêneros, Bakhtin (2000) argumenta que é de grande importância teórica estabelecer a distinção entre os chamados gêneros primários, de caráter simples, constituídos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea, o que possibilita um contato direto com a realidade e os gêneros secundários, que apresentam uma configuração mais complexa e que, segundo o teórico, surgem em circunstâncias de comunicação cultural mais evoluída, mediando o contato com a realidade, muitas vezes, através da escrita.

Durante seu processo de formação, os chamados gêneros secundários transformam os gêneros primários em seus elementos constituintes mediando a relação entre os gêneros e a realidade, tornando-se ele mesmo - o gênero secundário – um enunciado.

Assim, para que o estudo de um enunciado seja feito de modo satisfatório é necessário considerar a inter-relação existente entre os gêneros primários e secundários, bem como o processo histórico de formação dos gêneros. Tal

constatação ratifica a posição de Bakhtin em afirmar a importância teórica da distinção entre os gêneros, para que se proceda à análise enunciativa.

3.3 Intertextualidade: uma delimitação conceitual

Ao discorrer acerca do aparecimento do termo intertextualidade, Fiorin (2012) afirma que este foi um dos primeiros conceitos da obra de Bakhtin a ganhar notoriedade científica no espaço acadêmico ocidental. Segundo o autor, tal fato ocorreu devido à contribuição dos estudos de Julia Kristeva, publicados na revista francesa *Critique* em 1967. A ideia central que constitui o conceito de intertextualidade reside na noção proposta por Kristeva de que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção dum outro texto”. Ou ainda:

O termo intertextualidade designa essa transposição de um (ou vários) sistema(s) de signos noutra, mas como este termo foi frequentemente tomado na acepção banal de crítica das fontes dum texto, nós preferimos-lhe um outro: transposição, que tem a vantagem de precisar que a passagem dum a outro sistema significativo exige uma nova articulação do tético – da posicionalidade enunciativa e denotativa. (KRISTEVA, 1967, *apud* JENNY, 1979, p. 13)

A ideia de transposição nos remete ao fenômeno que determina que algo está em lugar diverso do qual habitualmente deveria figurar. Segundo Kristeva, esse *algo* é identificado como um *sistema de signos* e a transposição é assim percebida no momento em que um determinado signo realiza a travessia entre os sistemas significativos. Ao ocupar um novo lugar num determinado texto, este novo signo, agora ressignificado, exige uma mudança na postura dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo.

Sobre a contribuição dos sujeitos nesse processo de significação, Beaugrande destaca que:

O termo intertextualidade faz referência à relação de dependência estrita que se estabelece, por um lado, entre os processos de

produção e de recepção de um determinado texto e, por outro lado, o conhecimento prévio que tenham os participantes de uma interação comunicacional sobre outros textos anteriores que se relacionem com ele. (BEAUGRANDE et al., 1997, p.15)

Retomando o que dissemos anteriormente, o termo intertextualidade foi empregado como uma transposição da ideia de dialogismo proposta por Bakhtin e pretende expressar que um texto não existe sem o outro. A esse respeito, Koch ressalta que:

Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção. Isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já-dito, prévio a todo dizer. Segundo J. Kristeva, criadora do termo, todo texto é um mosaico de citações, de outros dizeres que o antecederam e lhe deram origem (KOCH, 2010, p. 86).

No entanto, Fiorin questiona o conceito proposto por Kristeva. Segundo o autor, existe um uso equivocado do termo intertextualidade. O estudioso afirma que Kristeva chama de “texto” o que Bakhtin denomina de “enunciado”, e assim, entendida dessa forma, a palavra intertextualidade passa a designar a noção de dialogismo. Quando, na visão de Fiorin:

A intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo: aquele em que há no interior o texto o encontro de duas materialidades linguísticas, de dois textos. Para que isso ocorra é preciso que um texto tenha existência independente do texto que com ele dialoga (FIORIN, 2008, p. 52-53).

Com essa afirmação, Fiorin procura limitar o alcance do significado do termo intertextualidade, circunscrevendo-o à instância específica da materialidade linguística, ou seja, do campo verbal, e não elevando o termo à amplitude ideológica abarcada pelo conceito de dialogismo proposto por Bakhtin. Para Fiorin, é preciso estar atento à forma composicional do enunciado, ou seja, é preciso considerar os

paradigmas de cada esfera de atividade humana, identificando as condições e finalidades das variadas formas e possibilidades de comunicação.

Para Jenny, a intertextualidade é responsável por garantir a condição de legibilidade literária, ou seja, somente inserida num contexto intertextual a obra é passível de compreensão: “a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido” (JENNY, 1979, p. 14).

Ainda no tocante à legibilidade da obra, são os modelos arquetípicos, ao estabelecer relações entre as diversas obras, que nos fornecem elementos que cooperam para apreensão do sentido da obra. Segundo o autor:

As figuras de intertextualidade oferecem, portanto, um vasto campo de exploração, que não pensaremos em delimitar. É, com efeito, bastante raro um texto literário ser recuperado e citado tal e qual. O novo contexto procura, em geral, uma apropriação triunfante do texto pressuposto. Ou essa finalidade permanece escondida, e o trabalho intertextual equivale a uma maquilagem, tanto mais eficaz quanto o texto aproveitado tiver sido mais sabiamente transformado. Ou então, o novo contexto confessa operar uma reescrita crítica, e dá em espetáculo o refazer dum texto. (JENNY, 1979 p. 44)

Jenny defende a ideia de que além de condicionar o uso do código, a intertextualidade está explicitamente presente no nível do conteúdo formal do texto o que indica uma dupla determinação intertextual de uma obra manifestada no que se refere tanto ao seu aspecto temático, como também ao que tange às suas características formais.

Ao tratar da problemática que discute qual o grau de explicitação de intertextualidade numa determinada obra, Jenny afirma que podemos utilizar critérios estruturais que ajudem a estabelecer essa medida. No entanto, o autor também destaca que existe uma variação da sensibilidade dos leitores à repetição, ou seja, à recorrência de temas. Esta sensibilidade é alimentada pela cultura, mas também pela memória de cada época.

Assim, podemos perceber a importância do trabalho do autor na construção de um novo texto que guardará pontos de contato com outros textos ao mesmo tempo em que irá instaurar a marca pessoal do autor identificada por seu estilo.

Fiorin (2003) apresenta as seguintes possibilidades de ocorrência de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização. Segundo o autor, a citação firma-se por mostrar a relação discursiva explicitamente e todo discurso citado é um elemento dentro de outro já existente.

No entanto, neste processo o autor tem a liberdade de alterar ou de confirmar o sentido do texto citado. Nos processos de alusão, o texto não é reproduzido de modo fiel, mas é mantida a ideia central de algo já discursado, ou seja, não se permite o conflito entre sentidos, ou como nos fala Fiorin “o texto que alude não constrói um sentido oposto ao texto aludido” (2003, p. 31). Por fim, nos processos de estilização, ocorre uma reprodução estilística do conteúdo formal ou textual com o objetivo de reestilizá-lo.

Portanto, é possível compreender que não se deve separar o estudo do estilo dos estudos mais amplos a respeito do gênero e das ocorrências intertextuais, pois as mudanças ocorridas ao longo do tempo nos aspectos relacionados ao estilo são inseparáveis das transformações também ocorridas nos gêneros textuais ao longo da evolução da comunidade humana.

Sucintamente apresentados os aspectos referentes aos conceitos de dialogismo, midiologia e intertextualidade, passemos agora à apresentação dos pressupostos teóricos acerca dos gêneros discursivos que servirão de base conceitual para análise dos textos produzidos durante a proposta de intervenção.

3.4 Gêneros textuais/discursivos

Ao iniciarmos nossa discussão acerca dos gêneros textuais ou gêneros do discurso, faz-se necessário apresentar o dilema conceitual referente às questões de nomenclatura envolvidas na temática que engloba as reflexões sobre a relação existente entre *texto*, *discurso* e *gênero*.

Para Marcuschi (2008), a tendência atual é a de assumir a existência de um contínuo entre texto e discurso que propicia um tipo de condicionamento mútuo. Assim, o importante não é distinguir de modo rígido os dois conceitos, mas entender as relações existentes entre eles como relações complementares da atividade enunciativa. Para Coutinho,

trata-se de “reiterar a articulação entre o plano discursivo e textual,” considerando o discurso como o “objeto do dizer” e o texto como o “objeto de figura”. O discurso dar-se-ia no plano do dizer (a enunciação) e o texto no plano da esquematização (a configuração). Entre ambos o gênero é aquele que condiciona a atividade enunciativa. (COUTINHO, apud MARCUSCHI, 2008, p. 81)

A fim de esclarecer como estas entidades dialogam, Marcuschi (2007, p. 24) estabelece a relação existente entre texto e discurso:

Pode-se dizer que texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em uma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas.

Dessa forma, podemos perceber que os gêneros atuam como mediadores da atividade enunciativa sendo impossível a comunicação verbal sem a utilização de um gênero. Bakhtin (2000) afirma que os gêneros do discurso são tipos de enunciados relativamente estáveis. De acordo com o autor, os enunciados se constituem como efetivação concreta de uso da língua.

Com relação ao tratamento dispensado ao enunciado, no caso de este ser tomado de forma isolada, ele pode ser considerado como algo individual, entretanto é preciso salientar que cada esfera de atividade humana elabora tipos de enunciados que guardam entre si características que permitem seu agrupamento em categorias, as quais podemos chamar de *gêneros*.

Vejamos a seguir o que Bakhtin nos diz sobre o processo de criação de um gênero do discurso:

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições específicas para cada uma das esferas de comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (BAKHTIN 2000, p. 284)

Partindo-se dessa afirmação, é possível perceber que os gêneros são, na maioria das vezes, definidos por aspectos funcionais. Entretanto, é importante destacar que não se deve desprezar os estudos acerca dos aspectos formais, pois em muitos casos, são as formas que determinam o gênero. Isto implica dizer que a visão do estudioso dos gêneros textuais deve estar sensível para a ocorrência desta mudança de perspectiva, no que se refere ao predomínio dos aspectos formais ou funcionais na determinação de um gênero.

De acordo com Bakhtin (2000), o gênero pode ser definido a partir de três elementos que se fundem no enunciado:

- I. O primeiro elemento identificado é o *conteúdo temático*, ou seja, o assunto ou tópico da interação verbal;
- II. O segundo elemento seria o *estilo* que está relacionado com a seleção de recursos lexicais e estruturais, e guarda traços da posição do locutor, permitindo assim o afloramento de aspectos subjetivos;
- III. Por fim temos a *estrutura composicional* que tem por objetivo refletir as condições específicas e as finalidades de cada esfera de atividade humana.

Para Marcuschi (2007), os gêneros desempenham a função de contribuir para o ordenamento e estabilização das atividades comunicativas cotidianas. Segundo o autor, os gêneros textuais podem ser entendidos como fenômenos históricos e, dessa forma, são profundamente ligados à vida cultural e social de uma determinada comunidade, se consolidando como frutos de um trabalho coletivo.

3.5 Elementos dos gêneros discursivos: composição, tema e estilo

Para Bakhtin (2000) o gênero pode ser definido a partir de três elementos que se fundem no enunciado: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional. O elemento identificado como conteúdo temático refere-se ao conteúdo específico do qual trata o texto e contempla os aspectos relacionados aos valores ideológicos.

De um modo geral, podemos dizer que o tema é o componente semântico do enunciado, conforme nos explica Caretta (2008, p. 20)

O tema, componente semântico do enunciado, desenvolve-se na unidade do gênero por meio das relações com a forma, determinada pela composição e pelo estilo. O objeto do discurso, assumido como tema, recebe um acabamento em função de uma abordagem específica do problema, do material, do contexto comunicacional e do intuito do autor.

No que se refere aos estudos da composição, Caretta (2008) afirma que a forma composicional é responsável pelos critérios de organização e estruturação do gênero e atua como uma espécie de molde que deve considerar os paradigmas de cada esfera de atividade humana, bem como as variadas possibilidades de comunicação.

Assim, podemos inferir que a forma composicional é capaz não somente de permitir a identificação e reconhecimento do gênero como também possibilita a assimilação das condições e finalidades das esferas de atividades humanas, conforme nos explica Bakhtin:

Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Acerca dos estudos sobre estilo, Bakhtin (2000) afirma que este está indissolivelmente ligado ao enunciado e aos gêneros do discurso. Para o autor, o

enunciado é individual e por isso é capaz de refletir aspectos relacionados à subjetividade de quem o profere, o que reforça a ideia de que o enunciado possui um estilo individual.

Dessa forma, temos o encontro do potencial criativo da linguagem, da iniciativa do usuário em explorar este potencial e da liberdade que o gênero utilizado oferece ao permitir o afloramento de um estilo individual. Para Bakhtin, somente alguns gêneros possuem essa abertura. De acordo com o teórico, os gêneros refletem as características de seu meio de produção e de circulação e muitas atividades humanas já têm estabelecido um estilo específico para cada situação de uso da língua que se configuram como formas padronizadas.

A esse respeito, nos fala Bakhtin:

O estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade humana e da comunicação. Cada esfera conhece seus gêneros apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos (BAKHTIN, 2000, pp. 283-284).

Como exceção a este quadro, podemos citar o caso dos gêneros literários, no qual o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo e constitui uma de suas linhas diretrizes. Para Bakhtin, o estilo é vinculado a unidades temáticas determinadas e a unidades composicionais que se referem ao tipo de estruturação e de conclusão de um todo e com o tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal.

Tal aspecto sugere que o estudo do estilo deve necessariamente estar relacionado ao estudo do gênero:

O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. Isso não equivale a dizer, claro, que o estilo linguístico não pode ser objeto de um estudo específico, especializado. Tal estudo, ou seja, uma estilística da língua, concebida como uma descrição autônoma é possível e necessário. Porém para ser correto e produtivo, este estudo sempre deve partir do fato de que os estilos de língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade (BAKHTIN, 2000, p. 284).

Dessa forma, é possível traçar algumas relações que orientam o estudo dos aspectos referentes ao estilo adotado por cada indivíduo. É preciso entender que o sujeito que faz uso de uma língua é socialmente marcado e tem seus processos de comunicação mediados por um determinado gênero do discurso. Este gênero não somente padroniza suas interações linguísticas, como também estabelece as marcas que definirão, a certa medida, o estilo a ser adotado.

Assim, embora o falante possua um estilo individual para suas produções, esse estilo é diretamente relacionado ao gênero por meio do qual o sujeito realiza sua comunicação.

Com o objetivo de trazer elementos para nossa discussão a respeito da relação entre o estilo e o gênero, apresentaremos no tópico seguinte alguns aspectos que caracterizam o *blog*: espaço virtual onde diversos gêneros interagem e ampliam a experiência comunicativa.

3.6 Estudos sobre o caráter dos Blogs: gênero ou suporte?

A comunicação tem experimentado, nos últimos tempos, um processo de aceleração que talvez não tenha sido sequer sonhado pela humanidade. Durante todo o século XX, os avanços tecnológicos serviram de motor para essa aceleração que, ao contrário do que pode se pensar, não teve sua potência reduzida com o passar dos anos, pelo contrário ela foi multiplicada em milhões de vezes.

O advento da internet se tornou, então, um passo fundamental e irreversível desse processo de aceleração das comunicações no mundo inteiro. Através do espaço virtual que a internet pode construir, a chamada Rede Mundial, todas as distâncias e tempos foram encurtados uma vez que o hipertexto, ferramenta primordial da internet, é capaz de registrar uma quantidade de informações nunca antes imaginada.

Nesse sentido, o espaço virtual transformou-se num veículo multimodal de comunicação, trafegando através dele as mais diversas formas de registro, divulgação

e disponibilização de informações através do uso da linguagem escrita, mas também através do uso de imagens, vídeos, áudios, jogos, entre tantas outras ferramentas que surgem a cada momento.

Necessariamente, ao longo dos anos, diversas formas de utilização do espaço virtual foram sendo desenvolvidas na busca do melhor aproveitamento da internet, levando-se sempre em consideração uma interação cada vez maior com os usuários do *webspaces*.

Entre as diversas formas de interação com os usuários da internet, chamado então de internautas, uma em especial tornou-se bastante popular sendo muito bem recebida e extensamente utilizada pelo público: o *Blog*.

Em busca de uma definição para a palavra *blog*, Baltazar e Aguaded (2005) afirmam que, etimologicamente, a palavra *blog* pode ser definida como um tipo de diário pessoal eletrônico, uma vez que quando recorremos a sua composição, temos o seguinte conteúdo: *blog* é uma forma popularizada do termo *weblog* que é formado a partir da junção da palavra *web* que significa *rede* e o verbo *log* que remete às anotações registradas em diários de bordo.

Marchuschi (2004) considera o *blog* como um gênero textual novo, emergente das necessidades comunicativas dos usuários da internet e também estabelece essa relação entre o *blog* e diário:

Os blogs funcionam como um diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede. Muitas vezes são verdadeiros diários sobre a pessoa, sua família ou seus gostos e seus gatos e cães, atividades e sentimentos e crenças e tudo o que for conversável. (MARCHUSCHI, 2004, p. 61)

Angeli (2011, p. 34) propõe uma reflexão interessante a respeito do *blog*. Segundo a autora:

Com base na observação e na análise de diferentes blogs disponíveis na rede, cabe discutir se estamos diante de um gênero, propriamente, ou de uma plataforma na qual se manifestam vários gêneros, de um ambiente virtual que pode dar origem a diferentes realizações, nascidas das intenções comunicativas dos blogueiros.

Importante aqui é também destacar as ideias de Ribeiro (2009), quando relata que determinar para o blog uma classificação pura de gênero textual é uma ação equivocada. Para o autor, o blog pode ser considerado como um veículo de comunicação que comporta diversos gêneros.

Numa rápida análise sobre o entendimento dos autores que citamos acima sobre o significado do blog, vemos que as visões são diversas e ainda pouco sedimentadas. Muito embora haja ainda alguma controvérsia, é possível perceber um ponto em comum em que se encontram tanto Ribeiro (2009) quanto Angeli (2011), quando consideram essa ferramenta de comunicação como um espaço onde diversos gêneros de linguagem interagem, complementando-se e ampliando a experiência comunicativa daquele que lê.

3.7 Caracterização e tipologias

Do ponto de vista estrutural, o blog se apresenta de modo semelhante a uma *homepage*², no entanto, o usuário não necessita de conhecimentos específicos sobre a linguagem *HTML*³ para criar uma página para si ou para outrem. Este fator foi primordial para a popularização deste tipo de *website*⁴.

No que se refere às suas características específicas, o blog é caracterizado pelo formato de diário com exibição de data, atualização frequente ou periódica de registros, que são comumente chamados de postagens, que são exibidos em ordem cronológica inversa, ficando sempre de fácil visualização os registros mais recentes.

No tocante aos conteúdos que são utilizados nos processos de “alimentação” dos blogs, podemos encontrar aqueles que são utilizados como diários pessoais, sendo essa a primeira intenção desta importante ferramenta de comunicação.

² Página inicial de um site.

³ HTML é uma abreviação de HyperText Markup Language, ou seja, que em português significa, Linguagem de marcação de Hipertexto.

⁴ Um conjunto de páginas web, isto é, de hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP na internet. O conjunto de todos os sites públicos existentes compõe a World Wide Web.

No entanto, outras aplicações foram desenvolvidas para a utilização do blog, tendo em vista a facilidade de manuseio e a necessidade de pouco conhecimentos específicos sobre desenvolvimento de sites para a Web. Tal condição, aliada à gratuidade oferecida pelas principais empresas de hospedagem de conteúdos na Internet, a exemplo da Google que disponibiliza todo um suporte e um instrumento próprio para a criação de blogs sem nenhum tipo de custo ao usuário, possibilitou o surgimento de toda uma miríade de utilização desse espaço virtual.

Nesse ponto, Angeli (2011 p. 24) destaca que:

Um blog pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins, porque é uma ferramenta que permite múltiplas semioses, ou seja, a utilização de diferentes recursos para a produção de significados, como textos, imagens, vídeos, etc.

Com relação aos registros e conteúdos publicados em um blog, os textos produzidos, que são chamados de postagens ou *posts*, são constituídos de forma multimodal, contemplando a presença de imagens, arquivos em áudios, vídeos, e evidentemente, o texto escrito.

Um exemplo típico da utilização do blog como a delineada por Angeli (2011) pode ser verificado a partir dos exemplo que segue:



Figura 1: Exemplo de postagem em blog. Fonte: <http://odilonnelsondantas.blogspot.com.br>

A figura 1 expõe uma função interessante do blog da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas: o espaço é utilizado para informar à comunidade escolar sobre o processo de eleição para o Conselho Escolar, que é hospedado pela ferramenta de blogs do *Google*.

Na imagem, também podemos observar outros recursos que estão disponíveis para a composição do blog: a indicação de *sites importantes* que têm a função de ampliar a discussão temática proposta e que dizem respeito ao universo da educação. Podemos visualizar a sugestão de sites relacionados a publicações pedagógicas, órgãos administrativos, dentre outros. Além disso, logo abaixo da postagem, o site oferece como sugestão a indicação para o acesso a outras postagens publicadas pela escola.

Outro aspecto importante do blog é possibilidade de uma interação quase que imediata entre o autor e o leitor, uma vez que além dos posts, no blog há sempre o espaço onde os leitores possam postar seus comentários sobre aquilo que leram, constituindo um interessante *feedback* para o autor, dando a possibilidade do surgimento de uma comunidade de interação virtual, como afirmam Baltazar & Aguaded (2005, p.3):

Os sistemas de comentários são muito importantes para a criação de uma comunidade entre o blogger e os seus leitores, não sendo, no entanto, indispensável, isto é, o relacionamento pode estabelecer-se através de correio eletrônico ou de outros meios.

Os comentários estabelecem a dimensão da interação no espaço virtual e atribuem o caráter da dinamicidade dos textos publicados, uma vez que eles podem estabelecer variadas relações com os textos em um blog: podem reagir diretamente ao *post* ou a outros comentários, podem propor algum adendo, indicar algum link para um site complementar, para uma discussão e podem ainda trazer novas informações e sugestões de abordagens.

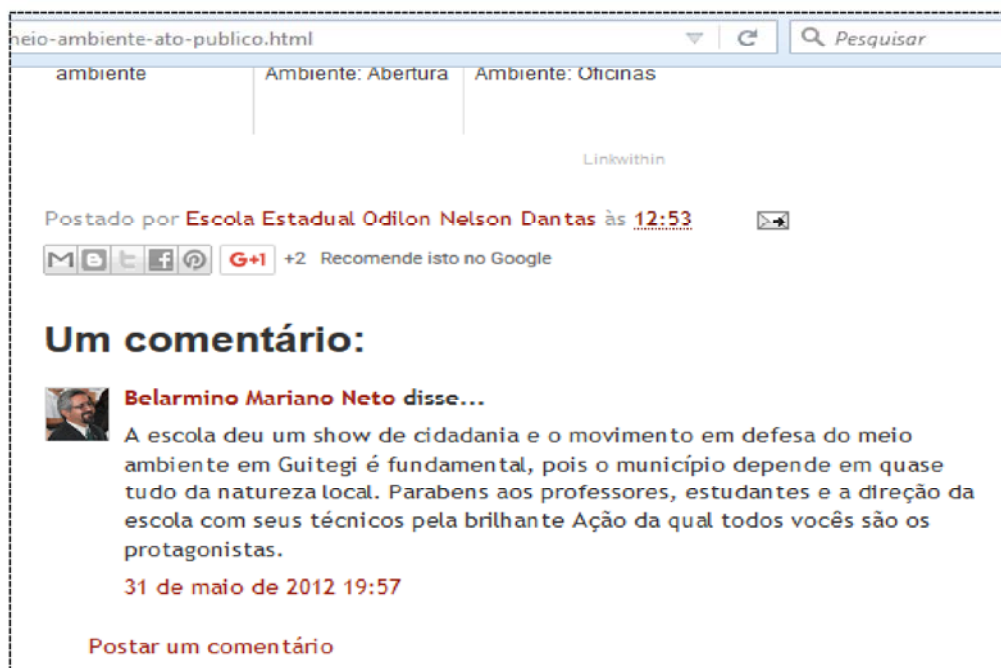


Figura 2: Exemplo de comentário. Fonte: <http://odilonnelsondantas.blogspot.com.br>

É importante ressaltar que essa interação entre o autor e seus leitores, assim como apontou Baltazar & Aguaded (2005), possibilitou o surgimento de uma nova forma de comunidade. É possível perceber que desde que a ferramenta surgiu as ramificações das relações dessa comunidade somente tenderam a crescer, surgindo então o que ficou conhecido como blogosfera.

3.7.1 Classificação tipológica

É notório, então, que a ferramenta do blog no ciberespaço encontrou uma grande popularidade, o que resultou obviamente numa grande diversificação de seus estilos e formas de apresentação, conforme afirma Primo (2008, p. 125) quando busca refletir sobre formas de classificar os tipos de blog existentes na blogosfera:

Diversas são as tipologias que buscam discriminar os blogs em grandes grupos. Contudo, a popularização desse serviço e a multiplicação de estilos e objetivos na blogosfera vêm causando dificuldades à aplicação das categorias propostas. Outro problema é o fato de que em um mesmo blog pode-se encontrar diversos gêneros

dispersos em posts diferentes. Dessa forma, para que se possa avaliar um blog, buscando suas regularidades, é preciso avaliar uma amostra de posts significativa, e não apenas observar sua descrição e seu título.

Nesse sentido, o autor chama a atenção para a observação do conteúdo predominante no blog, como forma de obter uma tipologia mais aproximada da realidade. Podemos então identificar, no texto de Primo (2008), os seguintes tipos de blog:



Figura 3 Classificação de blogs. Fonte: Primo (2008)

Os blogs individuais profissionais geralmente são desenvolvidos por pessoas que visam a um objetivo comercial. Na maioria dos casos, seus autores são especializados em uma determinada área, na qual desenvolvem atividades profissionais. Sobre essa questão, Primo (2008, p. 125) afirma que:

O conteúdo e a periodicidade de um blog profissional, apesar de ser produzido por uma única pessoa, respondem a um objetivo comercial ou até mesmo para criar uma reputação em um determinado ramo, visando ganhos futuros, como contratos de consultoria.

Tal condição pode ser observada através do exemplo a seguir:



Figura 4: Exemplo de blog profissional. Fonte: <http://www.cadernodematerias.com/>

Os blogs individuais pessoais podem ser caracterizados pela presença da subjetividade. Nesse tipo de blog, os autores escrevem sobre acontecimentos diários, expõem suas opiniões sobre os mais variados temas. Seguramente, esse tipo de blog é aquele que mais se assemelha às características do gênero diário.



Figura 5: Exemplo de blog pessoal. Fonte: <http://wellingtonrafael.blogspot.com.br/>

Os blogs coletivos organizacionais são, na maioria das vezes, utilizados por empresas ou organizações para estabelecer contato com os clientes ou até mesmo como um veículo de divulgação.



Figura 6: Exemplo de blog organizacional. Fonte: <http://www.tejuview.com.br/>

Por fim, gostaríamos de destacar o blog coletivo grupal. De acordo com Angeli (2011p. 32):

Os blogs coletivos grupais são criados por uma pluralidade de pessoas que têm um objetivo em comum, sejam elas um grupo de amigos ou um conjunto de desconhecidos que querem postar a respeito de um tema pré-acordado. Neste tipo de blog, a produção dos posts pode ser tanto individual quanto assinada por todos do grupo, e a linguagem tem como característica a informalidade.

Ainda no tocante a classificação dos blogs, Baltazar & Aguaded (2005) sugerem uma classificação de blogs relacionados ao ensino: para os autores, podemos identificar a existência de **blogs de professores**, que normalmente trazem tópicos relacionados às aulas; **blogs de alunos**, que podem ser individuais ou coletivos com a função de publicar os materiais produzidos em sala de aula e muitas vezes são empregados como ferramenta de avaliação; e por fim, os **blogs de disciplinas** que, de acordo com os autores:

Estes são os blogs criados e mantidos pelo professor e pela turma, cujo principal objetivo é dar continuidade ao espaço de sala de aula, mas de forma coletiva, onde todos podem participar, escrevendo posts

e comentários, colocando questões, publicando trabalhos, etc. A participação de todos dá a este tipo de blogs uma dinâmica que os enriquece, pelo que consideramos que é este o tipo de blogs com mais potencialidades no ensino e que mais se deverá desenvolver (BALTAZAR E AGUADED, 2005, p.4)

Na intervenção realizada com a turma, optamos pela elaboração de um **blog de disciplina de caráter coletivo grupal** por entender que esta tipologia é a que melhor se adequa às nossas intenções de promoção da participação autônoma e de construção coletiva do conhecimento.

No capítulo seguinte trataremos dos aspectos descritivos da execução da proposta de intervenção pedagógica que teve por objetivo a promover a produção textual de gêneros informativos virtuais para construção colaborativa de um blog de disciplina.

4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Este capítulo é destinado à descrição dos aspectos metodológicos que nortearam a proposta de intervenção pedagógica realizada junto a uma turma do 9º ano de ensino fundamental, da Escola Odilon Nelson Dantas.

As atividades descritas neste trabalho foram desenvolvidas durante o terceiro bimestre do ano letivo de 2015, no período compreendido entre 30 de julho e 20 de setembro.

4.1 Aspectos metodológicos

Para fins de implementação da proposta de intervenção pedagógica, foi estabelecida a sequência metodológica descrita a seguir:

- ✓ Inicialmente, como elemento motivacional, realizamos um momento para que os alunos acessassem alguns blogs para que ficassem familiarizados com as características do gênero em estudo.
- ✓ Dando continuidade a nossa proposta, procedemos à caracterização dos aspectos constitutivos do *blog* identificando sua estrutura formal e composicional, bem como suas marcas linguísticas.
- ✓ O próximo passo se destinou a organização dos alunos em grupos para que se pudessem realizar oficinas para construção e diagramação do designer gráfico do blog. Neste momento, os alunos produziram textos informativos sobre as atividades realizadas na escola.
- ✓ Finalmente foram realizadas atividades de avaliação a fim de que pudéssemos obter um *feedback* sobre as ações implementadas pela proposta.

4.2 Mapeamento descritivo das ações

MAPEAMENTO DESCRITIVO DAS AÇÕES				
AÇÕES	FORMA DE EXECUÇÃO	OBJETIVO	PERÍODO	RESPONSÁVEL
Apresentação do projeto	Seminário escolar	Sensibilização sobre a proposta	Julho/2015	Proponente
Acesso a blogs	Utilização de computadores disponíveis no estabelecimento escolar.	Analisar os elementos que caracterizam o gênero textual <i>blog</i> .	Agosto/2015	Proponente e alunos envolvidos no projeto.
Caracterização do gênero textual postagem em <i>blog</i>	Grupo de estudos na sala de aula	Analisar os elementos que caracterizam o gênero textual <i>blog</i> .	Agosto/2015	Proponente e alunos envolvidos no projeto.
Criação do <i>blog</i>	Oficinas temáticas para produção textual e para diagramação da página.	Desenvolver habilidades necessárias ao processo de diagramação e designer do <i>blog</i>	Agosto/2015	Alunos envolvidos no projeto.
Avaliação da execução do projeto.	Roda de conversa	Promover a prática da avaliação e da crítica construtiva.	Setembro /2015	Equipe.

4.3 Caracterização da Turma

As atividades foram desenvolvidas com uma turma do 9º ano, do turno tarde, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas, na cidade de Cuitegi – PB. A turma é composta por 15 alunos, compreendidos em uma faixa etária de 14 a 17 anos.

Como atividade inicial, buscamos construir um perfil da turma no que se refere aos conhecimentos de informática, bem como o acesso à internet. Para esta finalidade, utilizamos como instrumento de pesquisa um questionário, com 20 itens que tratam dos hábitos e das condições de acesso à internet.

As informações obtidas foram as seguintes:

O questionário trazia a seguinte indagação inicial: “**como você avalia seu conhecimento em informática?**” Os dados obtidos parecem indicar uma realidade preocupante, pois 78% dos alunos do ano final do ensino fundamental considera que apresentam um domínio regular dos conhecimentos em informática.

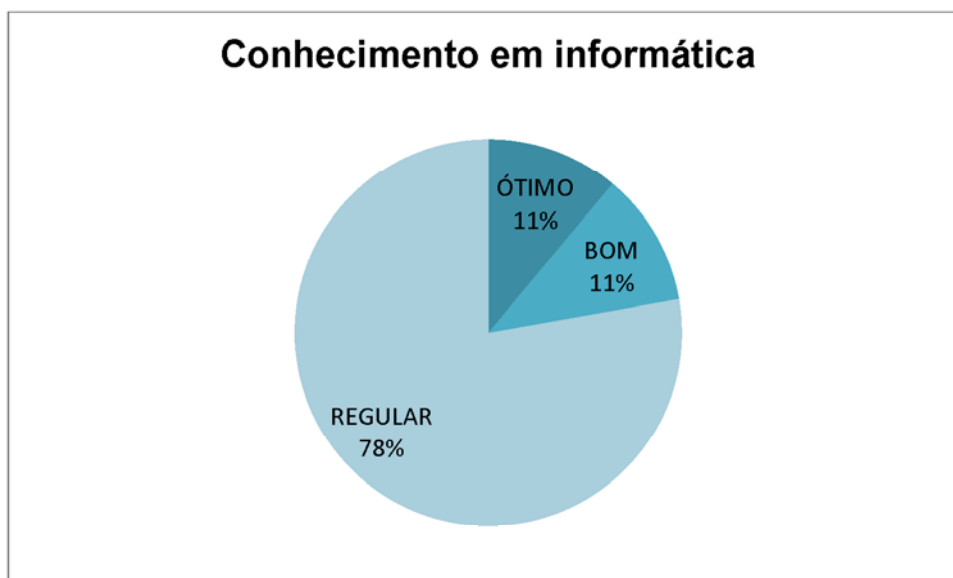


Gráfico 1: Conhecimento em Informática

Em tempos de discussão sobre a atualização do currículo escolar, acreditamos que a inclusão da informática como disciplina regular poderia contribuir para o sucesso na aprendizagem dos alunos.

Apesar das limitações identificadas no domínio dos conhecimentos em informática, 45% dos alunos afirmaram acessar a internet diariamente.

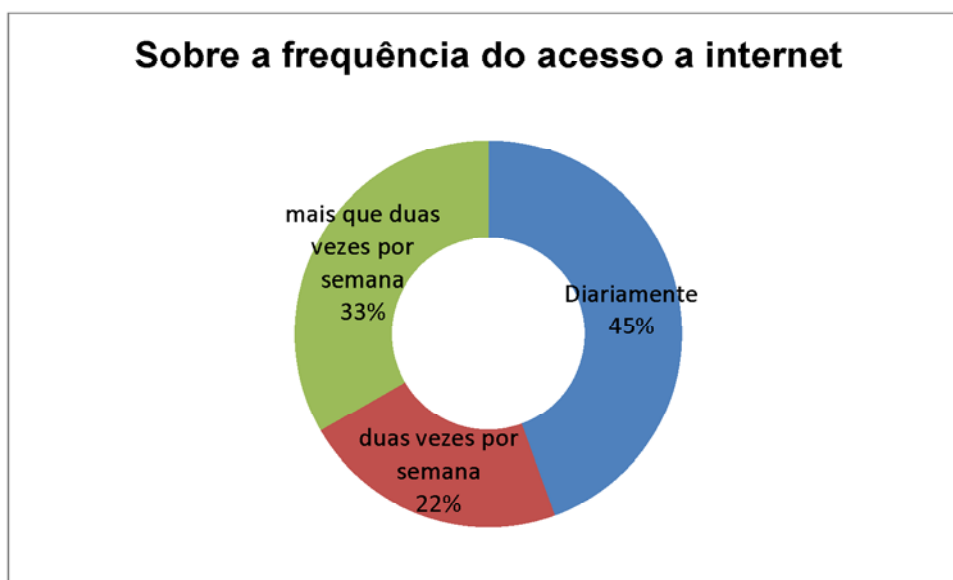


Gráfico 2: Frequência de acesso a Internet

Sabemos que esse acesso é facilitado, sobretudo, por causa dos dispositivos móveis, pois dentre os alunos que participaram da construção desse perfil 78% afirmaram que acessam a rede mundial de computadores através do telefone celular, conforme podemos observar no gráfico abaixo:

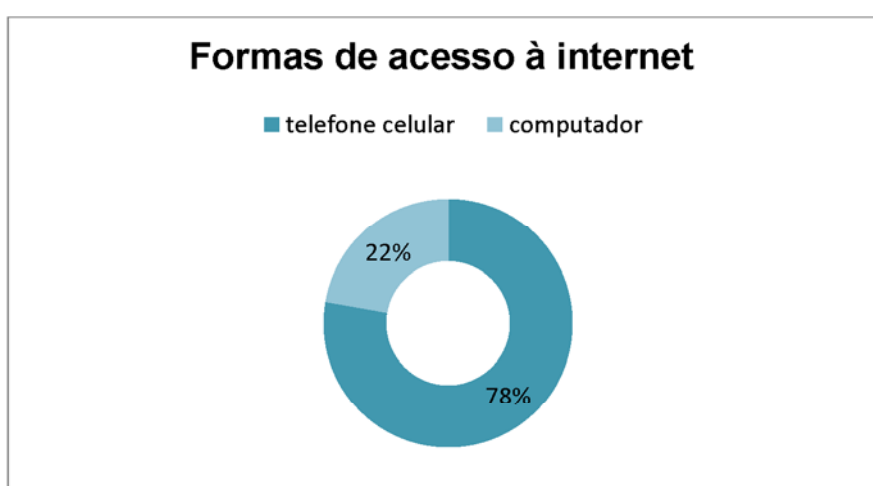


Gráfico 3: Formas de acesso à Internet

Visando orientar de modo mais objetivo nossa pesquisa, buscamos identificar quais os conteúdos acessados com maior frequência pelos alunos participantes:

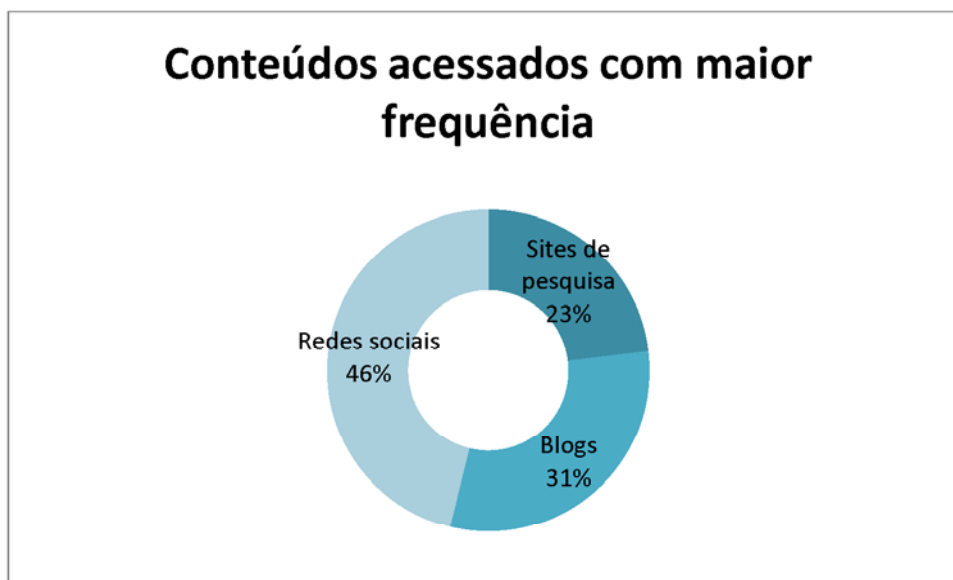


Gráfico 4: Conteúdos acessados com maior frequência

De acordo com os dados obtidos, 46% dos alunos acessam as redes sociais e 31% acessam blogs, sobretudo, aqueles que veiculam notícias da região.

Essa informação nos incentivou a criar, além do blog, um grupo no *Facebook* para turma trocar informações nas redes sociais sobre as atividades desenvolvidas na escola.

4.4 Detalhamento das ações desenvolvidas

4.4.1 Apresentação do projeto

Após as ações destinadas a caracterização da turma, a primeira atividade realizada foi a apresentação do projeto (em anexo). Na oportunidade, realizamos uma roda de conversa, na qual todos os alunos foram incentivados a expressar a sua opinião acerca das atividades propostas.

Desde o momento inicial, os alunos se mostraram bastante receptivos à ideia, sobretudo pelo fato da possibilidade do uso da internet voltada para o ensino.

4.4.2 Estudo do gênero textual blog

A atividade seguinte foi o estudo do gênero textual blog. Nesta atividade, trabalhamos com a leitura de um texto informativo *Conhecendo sobre mais um gênero textual: o Blog*⁵, disponível na rede. O texto discute a importância das tecnologias da informação em nossa sociedade, como também apresenta, sucintamente, as características de um blog e sua pluralidade, sua abertura para a discussão dos mais variados temas.

⁵ Fonte: <http://www.escolakids.com/conhecendo-sobre-mais-um-genero-textual-o-blog.htm>

4.4.3 Criação do Blog

Dando prosseguimento às atividades propostas, criamos o blog coletivo *Nosso lugar no mundo*⁶.



Figura 7: Página inicial do blog

O processo de criação do blog se deu de forma compartilhada, coletiva e participativa. O nome de domínio *Meu lugar no mundo* foi sugerido pela turma, que em seguida também escolheu uma imagem que os representassem. No tocante ao leiaute da página, optamos pelo mais simples a fim de garantir que até aqueles alunos que não tinham tanta familiaridade com a internet, pudessem interagir com o blog.

A fim de manter o blog atualizado, foram realizadas oficinas de produção textual em língua portuguesa para que os alunos construíssem textos para postagem, para que o blog cumprisse sua função de veículo informativo. Foram propostos os temas: *As comemorações do aniversário de fundação da Escola Odilon Nelson Dantas* e as atividades do *Projeto A Questão ambiental na escola*.

⁶ Disponível em: <http://meulugarnomundoodilon.blogspot.com.br>

Para esta atividade os alunos foram organizados em grupos que elaboraram as seguintes postagens:

I. Aniversário do Odilon



Figura 8: Postagem sobre o aniversário da Escola Odilon

Transcrição:

No dia 23 de setembro nossa escola completou 33 anos de fundação. Para comemorar esse belo dia, fizemos cartazes, montamos robôs, fizemos um ótimo passeio para piscina. Foi um dia excelente! Passamos por vários momentos, conhecemos novos amigos, falamos um pouco sobre a escola, pois se não houvesse tudo isso, não conseguiríamos chegar onde queremos e realizar nossos sonhos.

A gente depende da escola e da gente mesmo. Nosso futuro depende de nosso estudo. Todos nós temos um sonho, todos sonham com o seu futuro, todos querem um futuro brilhante.

Na nossa turma não há brigas, somos todos unidos!

*A escola virou presente
A "vagabundagem" virou passado.
Estamos no futuro
E os sonhos realizados.*

II. A questão ambiental na escola

Sobre o tema *A questão ambiental na escola*, os alunos produziram a seguinte postagem:



Figura 9: A questão ambiental na escola

Segue abaixo o texto produzido durante a oficina:

Recentemente fizemos o projeto sobre a questão ambiental que por sinal é muito importante! Houve muitas apresentações de cartazes com orientações e dicas, e também aprendemos a como economizar a água e como preservá-la direito.

Nos divertimos muito fazendo os cartazes e todos se uniram para ajudar a aprender sobre o meio ambiente. Tiramos várias fotos e aprendemos como preservar a natureza e o meio ambiente. Aprendemos também que ao economizar água, a gente pode ajudar a nós mesmos.

As atividades de produção textual em língua portuguesa foram realizadas com os alunos organizados em grupos, a fim de reforçar o caráter coletivo e colaborativo das mídias sociais. O objetivo desta atividade foi alcançado com grande êxito já que

todos os alunos contribuíram para construção dos textos no blog coletivo *Nosso lugar no mundo*.

4.4.4 Processo avaliativo

A avaliação da aprendizagem dos estudantes, durante a realização do projeto, deu-se de forma contínua e sistemática uma vez que entendemos que a avaliação se refere ao processo educacional como um todo, ou seja, ela participa de um sistema mais amplo e deve ser integrada aos objetivos educacionais da instituição. Por isso mesmo, deve permear todo o processo de aprendizagem, ocorrendo de forma planejada.

Além disso, a avaliação deve ser integral, considerando o estudante como um ser total, que se desenvolve integralmente, e que, portanto, pode ser avaliado em seus mais variados aspectos.

Assim, em nosso processo avaliativo consideramos não somente o trabalho final produzido pelos estudantes, mas também o seu desempenho ao longo das atividades desenvolvidas, considerando sua participação e seu envolvimento na realização das atividades propostas.

O processo de avaliação da execução do projeto se deu a partir da ideia proposta inicialmente em nosso mapeamento descritivo das ações, realizamos uma roda de conversa onde os alunos puderam expressar sua opinião a respeito das atividades desenvolvidas. Além disso, também solicitamos que os alunos envolvidos no projeto respondessem algumas questões a respeito das contribuições das ações do projeto para sua aprendizagem.

Segue abaixo a imagem do depoimento de um dos alunos:

3. Em sua opinião, as ações desenvolvidas durante o projeto contribuíram para sua aprendizagem?

Sim. Ela ajuda muito a nós estudantes melhorar a língua, de uma forma diferente de aprendizagem.

4.4.5 Atividades complementares

Além da criação do blog, os alunos sugeriram a criação de um grupo na rede social *Facebook*. O grupo também foi nomeado como *Nosso lugar no mundo*. Neste espaço de comunicação virtual, os alunos parecem sentir maior liberdade para escrever e externar suas opiniões, no entanto, notamos aqui uma grande aproximação entre fala e escrita.



Figura 10 Postagem sobre o blog *Nosso lugar no mundo*.

No breve comentário realizado, é possível perceber que a autora não exerce tanto controle sobre sua fala/escrita como acontece quando ela produz seu texto para a postagem no blog. Isso é visível quando a autora não faz distinção entre o uso de letras maiúscula e minúsculas, como também não observa o uso dos acentos previstos na norma culta. Essa liberdade de escrita é proporcionada, sobretudo, pelas características próprias desse suporte.

Após a apresentação das atividades desenvolvidas, seguimos agora para a análise dos textos produzidos e publicados no blog.

5. ANÁLISE DOS TEXTOS PRODUZIDOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma análise dos textos produzidos durante o desenvolvimento da proposta de intervenção realizada junto à turma do 9º ano B do turno tarde, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas na cidade de Cuitegi – PB

5.1 Texto 1

Inicialmente gostaríamos de retomar a leitura das postagens produzidas pelos alunos:

Recentemente fizemos o projeto sobre a questão ambiental que por sinal é muito importante! Houve muitas apresentações de cartazes com orientações e dicas, e também aprendemos a como economizar a água e como preservá-la direito.

Nos divertimos muito fazendo os cartazes e todos se uniram para ajudar a aprender sobre o meio ambiente. Tiramos várias fotos e aprendemos como preservar a natureza e o meio ambiente. Aprendemos também que ao economizar água, a gente pode ajudar a nós mesmos.

O texto acima pode ser identificado como uma **postagem em blog**. De um modo específico, esse texto se caracteriza como um relato de um conjunto de acontecimentos, organizados a partir do fato mais importante.

Em seu processo de escrita, o autor que se propõe a escrever um texto de caráter informativo, deve ter em mente um critério para organização do seu texto com base na importância dos fatos a serem narrados. Entretanto é importante destacar

que essa definição de nível de importância é algo subjetivo, permeado por fatores de ordem psicológica, ideológica, comportamental, dentre outras.

Ao observarmos o texto acima, percebemos que os alunos compreenderam essa estrutura básica para caracterização do gênero, pois a primeira informação identificada no texto é a realização do projeto de educação ambiental.

Recentemente fizemos o projeto sobre a questão ambiental que por sinal é muito importante!

Com relação à organização textual, embora o texto esteja estruturado em dois parágrafos, as informações essenciais estão disseminadas em todo o texto: ao longo da postagem é possível encontrar os dados principais que compõem uma produção no gênero textual informativo.

No texto, os autores trazem informações que descrevem:

- **O que aconteceu:** A realização do projeto ambiental.
- **Como aconteceu:** a elaboração de cartazes, os temas discutidos, o registro fotográfico das atividades.

Além disso, é possível identificar algumas informações implícitas, como por exemplo, os dados com relação a **quem** realizou as atividades descritas – *nos divertimos* – que faz referência aos alunos da turma.

Entretanto, não encontramos informação explícita sobre o local de realização do projeto – Escola Odilon Nelson Dantas. Esta informação parece ficar subentendida, uma vez que o texto foi produzido no próprio ambiente escolar. Neste ponto, percebemos que os autores do texto não atentaram para o fato da pluralidade de leitores de seu blog.

No texto, também percebemos uma tentativa de expansão das informações sobre as atividades desenvolvidas. Tal intenção se nota quando os autores expressam os conteúdos abordados na elaboração e posterior apresentação dos cartazes:

... aprendemos como preservar a natureza e o meio ambiente,

... aprendemos a como economizar a água e como preservá-la direito.

No que se refere à linguagem utilizada e ao estilo empregado para construção do texto, percebemos o emprego de uma linguagem coloquial, simples, que busca facilitar o processo de comunicação bem como busca uma aproximação com o leitor.

No entanto, percebemos que os alunos não observaram o preceito da imparcialidade, comum ao texto jornalístico. Observemos o seguinte texto:

Recentemente fizemos o projeto sobre a questão ambiental que por sinal é muito importante!

O trecho em destaque apresenta um enunciado de opinião. Esta característica nem sempre está presente, de forma explícita, em textos informativos, uma vez que o uso desse recurso tende a invalidar o critério de imparcialidade.

No tocante a pessoa do discurso empregada no texto, podemos observar uma oscilação entre a primeira e a terceira pessoa:

Todos se uniram para ajudar a aprender sobre o meio ambiente.

Fizemos o projeto sobre a questão ambiental

Esta variação pode sinalizar alguns caminhos. Um deles pode apontar a direção que observa o fato de que os alunos ainda têm dificuldade em se distanciar subjetivamente daquilo que está sendo escrito. Outra direção indica, talvez, a necessidade de se determinar sua propriedade sobre o texto, sua presença naquilo que está sendo dito, daí a importância da escrita em primeira pessoa.

Uma marca bastante significativa da linguagem jornalística se faz presente no texto: o emprego de verbos no **modo indicativo**. Ao observarmos o texto, é notória a opção pela utilização desse modo verbal que se destina a expressar fatos, verdades gerais. Os exemplos abaixo reforçam nossa afirmação:

“Fizemos”, “aprendemos”, “houve”, “uniram”, “tiramos”

No que tange ao conteúdo temático destacamos que, ao tratar da realização do projeto *sobre a questão ambiental* e as atividades ligadas a este, o texto postado no blog reforça seu grau de contextualização histórico-social ao se constituir como objeto de informação que traz consigo o registro de um evento pedagógico do qual os autores do texto participaram e puderam contribuir de forma significativa.

No que se refere às questões de estilo, observamos o emprego de uma linguagem concisa, objetiva, condizente com o gênero informativos, mas que se distancia desse gênero quando apresenta uma escrita marcadamente pessoal, que se afasta da neutralidade ao utilizar a emissão de uma opinião como recurso de estilo com a intenção de atrair o leitor.

No tópico seguinte, analisaremos o segundo texto postado no blog *Nosso lugar no mundo*.

5.2 Texto 2

No dia 23 de setembro nossa escola completou 33 anos de fundação. Para comemorar esse belo dia, fizemos cartazes, montamos robôs, fizemos um ótimo passeio para piscina. Foi um dia excelente! Passamos por vários momentos, conhecemos novos amigos, falamos um pouco sobre a escola, pois se não houvesse tudo isso, não conseguiríamos chegar onde queremos e realizar nossos sonhos.

A gente depende da escola e da gente mesmo. Nosso futuro depende de nosso estudo. Todos nós temos um sonho, todos sonham com o seu futuro, todos querem um futuro brilhante.

Na nossa turma não há brigas, somos todos unidos!

A escola virou presente

A "vagabundagem" virou passado.

Estamos no futuro

E os sonhos realizados.

O segundo texto produzido apresenta como característica predominante a enumeração de atividades desenvolvidas pelos alunos nas festividades de comemoração de aniversário de fundação da Escola Odilon.

Ao analisarmos o conteúdo temático do texto, é interessante destacar que o que tem, de fato, importância para os alunos, são as ações realizadas e não o aniversário da escola. Os alunos deram destaque em sua postagem às atividades realizadas por eles, tais como podemos perceber nos trechos destacados abaixo:

- ***fizemos cartazes,***
- ***montamos robôs,***
- ***fizemos um ótimo passeio para piscina.***
- ***conhecemos novos amigos,***
- ***falamos um pouco sobre a escola***

O item “**falamos um pouco sobre a escola**” aparece em último lugar na lista de atividades enumeradas no texto. Aqui temos uma inversão daquilo apregoado como característica dos textos informativos – a apresentação de um fato importante, seguida de sua posterior discussão. No entanto, como vimos anteriormente, a definição daquilo que é importante conta com critérios extremamente subjetivos. No texto em questão, o que é importante destacar não é o aniversário da escola, mas os eventos dos quais os alunos participaram.

Outro ponto que gostaríamos de destacar refere-se à autonomia dos sujeitos. Ao afirmar que:

A gente depende da escola e da gente mesmo.

Os alunos compartilham com a escola a responsabilidade sobre sua formação. Essa noção é essencial para que as atividades de ensino-aprendizagem obtenham o sucesso esperado. É fundamental que o aluno participe de forma ativa, autônoma, na construção do seu conhecimento.

No que se refere aos aspectos estilísticos do texto produzido, podemos destacar que os alunos observaram os preceitos do texto jornalístico no tocante à escolha do modo verbal – modo indicativo.

No entanto, observamos que existem algumas fragilidades no tocante à construção de uma unidade de sentido do texto. Os parágrafos parecem não dialogar entre si, o que traz a sensação de haver partes desconectadas no texto. Por exemplo, o trecho:

Na nossa turma não há brigas, somos todos unidos!

A frase acima aparece no texto como uma frase solta, desligada do conteúdo temático do texto, que trata das atividades comemorativas da escola. Mas parece querer marcar essa oportunidade de divulgação de algo produzido na escola de forma significativa para o grupo. É uma forma de dizer, *veja como nós somos; conheça-nos.*

Caso semelhante acontece com o trecho:

Passamos por vários momentos, conhecemos novos amigos, falamos um pouco sobre a escola, pois se não houvesse tudo isso, não conseguiríamos chegar onde queremos e realizar nossos sonhos.

No trecho em evidência, não é possível estabelecer uma relação precisa de causa e efeito entre as ações apresentadas e a realização dos sonhos. A falta de clareza nessa relação também afeta a qualidade do texto informativo.

Embora a postagem cumpra sua função primordial de informar sobre o aniversário da escola, o que a caracteriza como um texto informativo, encontramos problemas de articulação das ideias devido à presença de poucos recursos coesivos.

O texto também perde um pouco em qualidade ao apresentar expressões de pouco valor argumentativo, como alguns chavões, frases feitas como as que se seguem:

Todos querem um futuro brilhante.

Ou ainda:

Nosso futuro depende de nosso estudo.

Com relação à organização textual, a postagem traz em suas linhas iniciais as informações que compõem o texto informativo:

- **O que aconteceu:** o aniversário da escola
- **Como aconteceu:** a elaboração de cartazes, o passeio, etc.

Além disso, os alunos tiveram a preocupação de colocar a marca temporal que busca trazer maior exatidão as informações apresentadas, mas também cumpre a função de situar historicamente um acontecimento.

No dia 23 de setembro nossa escola completou 33 anos de fundação.

Assim como acontece com o texto 1, é possível identificar algumas informações implícitas, como por exemplo, os dados com relação a **quem** realizou as atividades noticiadas e também não encontramos informação explícita sobre o local. Mais uma vez, esta informação parece ficar subentendida, muito clara na mente do autor que escreve “*nossa escola*”, *mas*, pouco útil para o leitor que vier a acessar o blog.

Com relação aos aspectos estruturais do texto, gostaríamos de destacar o fato de que a postagem, de um modo geral, segue o padrão para textos informativos no tocante ao tipo textual, predominantemente narrativo. No entanto, fazendo uso da liberdade proposta pelo suporte – o blog - os alunos deixam sua marca pessoal ao inserir na conclusão de um texto informativo, um texto de feições emotivas:

A escola virou presente
A "vagabundagem" virou passado.
Estamos no futuro
E os sonhos realizados.

Ao utilizar este recurso, podemos perceber que o aluno conhece os limites entre os tipos textuais, mas se sente a vontade para mesclar estes tipos a fim de chamar a atenção do leitor. Não julgamos aqui o valor poético do texto, mas destacamos a iniciativa dos alunos de fugir, deliberadamente, do padrão determinado para o texto informativo.

5.3 Atividades complementares

Como atividade complementar ao blog, foi criado o grupo *Nosso lugar no mundo* no Facebook.

Retomamos aqui as postagens realizadas no referido grupo:



Como já adiantamos anteriormente, neste espaço de comunicação virtual os alunos parecem sentir maior liberdade para escrever e externar suas opiniões, com o emprego de uma escrita menos monitorada e de maior aproximação com a fala. Assim, consideramos importante trazer aqui algumas contribuições, no sentido de esclarecer as relações entre fala e escrita.

A Linguística, ao estudar cientificamente a linguagem, tem contribuído com a construção de uma série de conceitos relacionados à linguagem e às suas manifestações. Destaque especial é dado à fala, e, por conseguinte, à oralidade.

Esta postura tem influenciado também o ensino de língua materna que tem sido impulsionado a perceber a importância da oralidade para facilitar o trabalho com a norma culta da língua portuguesa em sala de aula.

As contribuições da Linguística se dão no sentido de reconhecer que muitos dos problemas enfrentados pelos alunos são decorrentes de dois fenômenos: de um lado temos professores que insistem na primazia dos aspectos descritivos da língua sobre seu uso, com o ensino da gramática tradicional descontextualizada.

De outro lado, muitas vezes em desvantagem, encontramos alunos, que de modo inconsciente transferem para o texto escrito as particularidades da fala, como a repetição de termos, expressões populares, marcadores de conversação, dentre outros.

Esta transferência é vista, pela ótica descritiva como erro e o aluno que o comete, é visto como alguém que não domina a língua de modo satisfatório, e em sua avaliação o professor considera sua aprendizagem como insuficiente.

Dessa forma, é preciso que na sala de aula, a fala seja tomada por instrumento capaz de desenvolver no aluno uma competência comunicativa que o habilite a fazer uso de sua língua nos diversos espaços de comunicação.

Para Ramos (1997), é necessário que o aluno tenha acesso a uma imagem adequada da língua padrão. Essa imagem é obtida através da observação de situações comunicativas nas quais se faça uso da norma culta (padrão) da língua, em eventos sociais comunicativos como debates, palestras, seminários, entrevistas e programas de televisão.

Criar no aluno uma cultura da prática da escuta ativa da norma culta, e até mesmo de reflexão acerca das particularidades presentes no texto oral e no escrito poderá ser uma estratégia bastante produtiva para elevação dos níveis de domínio da modalidade escrita.

O avanço dos estudos linguísticos tem demonstrado que fala e escrita são, na verdade, duas modalidades de um mesmo sistema e que, entre si, existem, de fato, muito mais semelhanças do que diferenças.

Podemos perceber esta aproximação tomando a questão da formalidade como ponto de análise. A fala, ao longo do tempo, sempre foi caracterizada como informal, por ser espontânea, e a escrita, por sua vez, sempre foi referência de formalidade por sua relação assíncrona entre os envolvidos em sua produção.

Pensando-se deste modo, é possível perceber que fala e escrita tendem a ocupar posições opostas, quase antagônicas.

A aproximação citada anteriormente, observada a partir da contribuição da Linguística, traz novos critérios de análise e novas perspectivas para a relação oral – escrita.

Segundo Fávero (2007), é possível ilustrar tal proximidade tomando como critério de análise, por exemplo, a situação comunicativa que definirá o gênero textual a ser utilizado.

De modo mais claro, a fala perde sua característica de informalidade ao se mudar seu contexto de produção: uma entrevista de emprego, por exemplo, exigirá uma fala formal, planejada, adequada à norma-padrão; a escrita, por sua vez, abre mão de sua formalidade ao se empregada em um bilhete rápido, por exemplo.

Assim, ainda segundo Fávero (2007), qualquer alteração na situação comunicativa, alterará, por conseguinte, os aspectos linguísticos como escolha do léxico, elementos prosódicos como variação de altura, tempo e ritmo e elementos paralinguísticos.

Isto posto, torna-se evidente a necessidade de uma mudança de postura em relação ao ensino de língua. Esta nova postura depende não somente do professor e de seu esforço em buscar um embasamento teórico que o oriente no sentido de extrair da oralidade todo seu potencial de informações sobre as situações de uso da língua, mas também exige uma nova forma de se trabalhar com os manuais didáticos que começam a exibir uma feição de maior oralidade.

Um vez que o avanço dos estudos linguísticos tem demonstrado que fala e escrita são, na verdade, duas modalidades de um mesmo sistema linguístico e que, entre si, existem, de fato, muito mais semelhanças do que diferenças. Conforme afirma Mac-Kay (2000):

Na linguagem, as modalidades oral e escrita se completam, guardando cada uma suas propriedades. O fato de possuírem formas características não pode nos levar à falsa noção de que são modalidades destituídas de pontos de integração.

No breve comentário realizado, é possível perceber que a autora não exerce tanto controle sobre sua fala/escrita como acontece quando ela produz seu texto para a postagem no blog.

Isso é visível quando a autora não faz distinção entre o uso de letras maiúscula e minúsculas, como também não observa o uso dos acentos previstos na norma culta.



Ao observarmos o comentário:

Homy Tire essa foto daí tou podre amanda

Podemos constatar alguns aspectos identificados nas relações entre fala e escrita. No comentário em destaque, temos uma produção escrita, contextualizada, que faz referência direta ao interlocutor e exige uma resposta.

O texto é composto por frases curtas, pouco elaboradas, mas que trazem aspectos estilísticos que buscam marcar seu dialeto na escrita (o emprego da forma *homy* – em lugar da forma *homem*).

A informalidade desse espaço virtual, de modo específico, influencia na observação do registro escrito adotado pela norma culta da língua, como podemos perceber na ausência da diferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas, como também na ausência de sinais de pontuação, o que demonstra uma possível falta do monitoramento comum à modalidade escrita.

Por fim, destacamos ainda a redução de formas *estou* – *tou* fato comum nas produções orais que são evitadas na escrita.

Ao produzir uma resposta a um comentário, a usuária também utiliza a modalidade escrita de modo bastante marcado pelas características da oralidade:

Kkkkkk ta nada may, ta linda como sempre.

Mais uma vez, encontramos aqui formas reduzidas (está – ta), ausência de sinais de pontuação e de acentuação, bem como marcas de informalidade como kkkkkk, que tenta reproduzir uma gargalhada.

Estas observações reforçam a ideia de uma aproximação entre fala e escrita como também indicam estratégias que podem ser utilizadas para que os alunos possam entender a diferenciação entre fala e escrita como um conhecimento aplicável em seu cotidiano, não somente nas práticas de maior monitoramento, mas também naquelas de maior informalidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades previstas no projeto de intervenção atribuíram um caráter bastante dinâmico às aulas, uma vez que proporcionaram a utilização de recursos tecnológicos, a exemplo do computador para o acesso ao blog e posterior postagem dos textos produzidos, bem como as atividades realizadas em grupo, alterando assim a rotina da sala de aula.

Tal aspecto cria um ambiente saudável de interação e de participação, permitindo que o estudante expresse de modo mais livre e mais informal suas opiniões sobre os temas abordados.

Para realização deste trabalho, estabelecemos como objetivos identificar os aspectos estilísticos que caracterizam os textos em ambientes virtuais, com destaque para os textos informativos postados em blogs. Além disso, buscamos compreender como a perspectiva de aprendizagem colaborativa pode contribuir para dinâmica do processo de ensino-aprendizagem.

Também foi de nosso interesse investigar os aspectos socioculturais presentes no grupo observado, com destaque para as questões relacionadas, sobretudo, às condições de acesso a internet e aos conhecimentos sobre informática. Neste ponto, foi possível perceber que ainda é necessário um esforço no sentido de criar as condições para que os jovens do ensino fundamental tenham acesso tanto a formação específica no campo da informática, quanto seja promovida iniciativas que garantam o acesso à rede mundial de computadores.

No tocante às propostas de aprendizagem colaborativa, foi possível identificar que este processo consegue favorecer a construção de conhecimento de forma a garantir a partilha de ideias, a troca informação, a ajuda mútua, contribuindo para a democratização do espaço escolar, na medida em que abre espaço para que o estudante se manifeste entre seus pares e se responsabilize por sua formação, isto é, tome para si a tarefa de, em conjunto com o professor, criar novas possibilidades e estratégias de aprendizagem.

Além disso, na abordagem colaborativa existe uma preocupação constante em horizontalizar a relação entre professor e alunos a partir do compartilhamento de responsabilidades e méritos, permitindo, assim que, na sala de aula, exista uma

relação de respeito e confiança mútua, tornando o processo de aprendizagem uma experiência prazerosa e pessoalmente relevante.

No que se refere ao trabalho com os gêneros textuais/discursivos, é possível reconhecer, que uma abordagem mediada pelo trabalho com os gêneros textuais/discursivos humaniza as relações no espaço na sala de aula e fora dele, já que traz em si a preocupação de conceber a língua não apenas como um sistema com regras, estruturas e usos, mas como algo que representa uma comunidade, uma cultura.

Ao longo das análises desenvolvidas foi possível observar que os alunos compreenderam bem a intenção da proposta implementada e conseguiram atingir de forma satisfatória os objetivos de aprendizagem estabelecidos, tanto no que diz respeito a identificação das características do blog, quanto no que se refere às marcas que definem o texto de caráter informativo.

Por fim, acreditamos que as reflexões resultantes deste trabalho podem contribuir para a ampliação do leque de perspectivas para o trabalho colaborativo em sala de aula, assim como são capazes de colaborar para o aprofundamento dos estudos acerca da utilização dos gêneros virtuais como uma abordagem bastante eficiente para o ensino de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANGELI, Grasielly Hanke. Blog um estudo sob a luz do conceito de gêneros textuais. **Revista da Graduação**, v. 5, n. 1, 2012.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BALTAZAR, Neusa; AGUADED, Ignacio. Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação. In: **4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, em Aveiro**. 2005.

BEAUGRANDE, R. DRESSLER, W.U. **Introducción a la lingüística del texto**. Barcelona: Ariel, 1997.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**: temas e situações. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARETTA, Álvaro Antonio. **As formas da canção nas diversas esferas discursivas**. In Revista estudos linguísticos, São Paulo, v 37 nº 3. set.-dez. 2008 p. 17-24. Disponível em www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/.../EL_V37N3_02.pdf. Acesso em 07 de março de 2011.

DEBRAY, R. **Curso de midiologia geral**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e Escrita**: perspectiva para o ensino de língua materna. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. **Bakhtin outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

JENNY, Laurent. A Estratégia da Forma. In: **Intertextualidades** Coimbra: Almedina;1979. p. 5-49. Tradução de Clara Crabbé Rocha.

JOHNSON, Roger; JOHNSON, David. **Cooperative learning and conflict resolution** New Horizons for Learning , Seattle, WA 2001. Disponível em: <<http://www.newhorizons.org/strategies/cooperative/johnson.htm>> Acesso em: 25 de novembro de 2015.

KOCH. Ingedore G. Villaça. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007

_____. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

LEITE, Cristiane Luiza Köb. (et al) **A aprendizagem colaborativa no ensino virtual**. PUC, PR: 2005. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TC_C1167.pdf. Acesso em 25/11/2015

LEMOS, A. **Cibercultura, cultura e identidade**. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? Contemporânea, vol.2, nº 2, p 9-22, Dez 2004. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf>

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MAC-KAY, A.P.M.G. **Atividade verbal**: processo de diferença e integração entre fala e escrita. São Paulo: Plexus, 2000, p.13-19.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, B. **Bakhtin outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCONI, M. Andrade; PRESOTTO, Zélia. **Antropologia**: uma introdução. 6ed. São Paulo: Atlas, 2007

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org). **Gêneros textuais & ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos."Comunicação Assíncrona" (verbetes). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002,

<<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=201>> Acessado em 11/8/2014.

OLINTO, H. K.; SCHØLLHAMMER, K.E. **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2008.

PRIMO, Alex. **Os blogs não são diários pessoais online**: matriz para a tipificação da blogosfera. Revista Famecos, nº 36, 2008.

SANTAELLA, L. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 22 • dezembro 2003 • quadrimestral. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>>

SANTOS, Idelette M. F **Em demanda da poética popular**: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial. Campinas, UNICAMP, 1999.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2009

TORRES, Patrícia Lupion. **Laboratório on-line de aprendizagem**: uma proposta crítica de aprendizagem colaborativa para a educação. T ubarão: Ed. Unisul, 2004.

WHITE, L. **O conceito de Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

ANEXOS

I. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

**O GÊNERO TEXTUAL BLOG COMO FERRAMENTA PARA FAVORECER A
PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Proponente: Prof. Joana Paula Costa Cardoso e Andrade

GUARABIRA/ PB
JULHO/2015

JOANA PAULA COSTA CARDOSO E ANDRADE

**O GÊNERO TEXTUAL *BLOG* COMO FERRAMENTA PARA FAVORECER A
PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Proposta de intervenção pedagógica realizada em cumprimento às exigências para elaboração da dissertação do PROFLETRAS.

GUARABIRA/ PB

JULHO/2015

INDICE

1.	INTRODUÇÃO	90
2.	PROBLEMATIZAÇÃO	91
3.	JUSTIFICATIVA	93
4.	OBJETIVOS	95
5.	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	96
6.	MAPEAMENTO DESCRITIVO DAS AÇÕES.....	97

1. INTRODUÇÃO

O trabalho com os gêneros textuais tem se manifestado nos processos de ensino-aprendizagem de língua materna devido a sua capacidade de promover a contextualização de todo e qualquer evento comunicativo. Tal característica tende a construir uma forte relação entre os conteúdos abordados no ensino de línguas e a realidade de cada estudante, uma vez que os gêneros textuais estão presentes em nosso cotidiano e são socialmente partilhados.

Dessa forma, na tentativa de contribuir com a melhoria da qualidade da aprendizagem de língua portuguesa e tornar a prática da leitura e da escrita uma atividade significativa através da produção textual de gêneros discursivos virtuais, acreditamos que a iniciativa de adotar, como abordagem didática, a perspectiva dos gêneros como mediadores do processo de ensino-aprendizagem de uma língua, é capaz de favorecer o desenvolvimento de competências e habilidades comunicativas necessárias ao conhecimento e uso proficiente, uma vez que o trabalho com os gêneros textuais é capaz de favorecer uma aprendizagem significativa porque são coletivamente partilhados, ou seja, eles são construídos socialmente e pertencem a uma comunidade que domina seus elementos constitutivos e reconhece suas principais características.

No que tange aos aspectos metodológicos, o desenvolvimento da pesquisa se dará no espaço escolar com alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas.

Entendemos que o trabalho com os gêneros discursivos se caracteriza como uma abordagem capaz de favorecer o contato com a língua em sua forma real devendo considerar o contexto social em que ocorre o aprendizado e os propósitos que motivam professores e estudantes a se envolverem num processo de ensino e aprendizagem.

Esta perspectiva ainda é capaz de colaborar na formulação de contra-discursos em relação às desigualdades existentes entre países e entre grupos sociais, possibilitando a transformação dos indivíduos de consumidores passivos a criadores ativos de cultura e de conhecimento.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem apresenta como bases de sua realização a interação entre os sujeitos envolvidos na experiência educativa e o estabelecimento de uma relação de confiança entre professores e alunos a fim de conseguir criar um ambiente capaz de promover uma comunicação efetiva e favorecer o processo de construção de conhecimento.

A relação professor-aluno, na história da educação, tem sido tema de uma série de estudos que buscam identificar como esta relação se dá no espaço da sala de aula e quais são suas consequências para o processo de ensino-aprendizagem.

O estabelecimento de uma satisfatória relação entre professor e aluno não está baseado somente em critérios afetivos, mas também em critérios técnicos como a seleção de conteúdos, a metodologia do ensino e a preocupação com a aprendizagem e o nível de satisfação.

No ensino de Língua Portuguesa, esta relação alia-se a novas preocupações. Entendendo-se que processo educativo deva ser considerado como uma experiência pessoalmente significativa, intrínseco a seu caráter educativo, reconhecemos também a existência de uma série de fatores capazes de interferir nesse processo, uma vez que educação se dá entre *pessoas*, num determinado espaço físico e social. E isso implica o envolvimento de questões emocionais, psicológicas, materiais, políticas, sociais e humanas a serem consideradas de forma integrada.

Ao longo da evolução das pesquisas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, inúmeras teorias e métodos foram desenvolvidos a fim de responder uma questão crucial: *Qual a melhor maneira de se aprender a língua portuguesa?*

Na busca por respostas ou possíveis soluções, é possível traçarmos uma linha evolutiva de métodos e técnicas que se propuseram a definir o que seria uma sala de aula ideal.

Semelhante ao que ocorreu em outras áreas do conhecimento, o ensino de línguas contou, ao longo de sua evolução, com teóricos tradicionais que definiam claramente os papéis de professores e alunos, estabelecendo limites e fronteiras entre estes. Reproduzindo uma ideia de professor como detentor de todo o saber, com um autoritarismo justificado por sua suposta *sabedoria* e extremamente controlador.

Esta posição também é visível em variados aspectos da vida escolar, desde a

disposição dos recursos materiais em uma sala de aula até o material didático utilizado. Tudo pensado numa perspectiva de manter uma atmosfera de controle. Aos alunos, cabia a tarefa de assistir as aulas, respeitar o professor e aprender.

Ao longo do tempo os sujeitos dessa atividade educativa conheceram extremos – transitaram de uma postura de autoridade desmedida a uma liberalidade gratuita – até encontrarem o que hoje podemos considerar como um ponto de equilíbrio: o entendimento de uma aprendizagem colaborativa.

Nessa alternativa, a tão discutida relação professor-aluno dá lugar à construção de uma relação de confiança, na qual o professor assume o papel de um facilitador de processos, de orientador, de mediador. O professor é *alguém* que tem a responsabilidade de ajudar a *outros* a construir conhecimento, a se apropriar de um precioso instrumento de comunicação.

O ensino, dessa forma, reconhece a autonomia dos sujeitos. Assim, professor e aluno são responsáveis por todo o processo. É preciso, no entanto, diferenciar estes níveis de responsabilidades uma vez que o professor tem o preparo técnico para uma intervenção pedagógica respondendo pelas operações globais do ensino, como planejamento, seleção de material, processos avaliativos, entre outros. Contudo, este preparo não faz dele uma autoridade e sim um orientador, um facilitador de processos, já que o aluno também pode e deve contribuir em grande parte das escolhas e tomadas de decisão do professor.

O aluno também ganha um novo papel: torna-se um elemento ativo, autor de seu próprio conhecimento, alguém que constrói caminhos e alternativas a fim de dominar a língua não apenas como um sistema, mas como uma ferramenta que vai ajudá-lo a conhecer novas pessoas e novas culturas, novas formas de pensar e agir.

3. JUSTIFICATIVA

O trabalho com os gêneros textuais tem se mostrado eficaz nos processos de ensino-aprendizagem de uma língua, devido a sua capacidade de promover a contextualização todo e qualquer evento comunicativo. Tal característica tende a construir uma forte relação entre os conteúdos abordados no ensino de língua materna e a realidade de cada estudante, tendo em vista que os gêneros textuais estão presentes em nosso cotidiano e são socialmente partilhados.

Uma vez que o trabalho com os gêneros textuais é capaz de favorecer uma aprendizagem significativa por que tais gêneros são coletivamente partilhados, ou seja, eles são construídos socialmente e pertencem a uma comunidade que domina seus elementos constitutivos e reconhecem suas principais características. Assim, ao se deparar com um determinado tipo de gênero, o sujeito é capaz de adequar sua linguagem aquele gênero específico.

Além das características já destacadas, o trabalho com os gêneros discursivos é capaz de permitir o emprego de diversos recursos multimodais tais como textos, imagens, sons, vídeos, músicas, movimentos, etc. Essa característica é capaz de favorecer o desenvolvimento das competências comunicativas dos educandos, pois amplia suas possibilidades de leitura uma vez que agrega semioses variadas que envolvem diversas operações cognitivas para construção de um efeito de sentido para o texto.

Com base nessa premissa, elaboramos como proposta de intervenção o desenvolvimento de estratégias para ação pedagógica por meio do trabalho com os gêneros textuais/discursivos capazes de possibilitar a envolvimento das diversas modalidades, com destaque para os gêneros discursivos virtuais.

Dessa forma, esse trabalho se justifica enquanto oportunidade de fazer com que os alunos de língua portuguesa do ensino fundamental ampliem seus horizontes no que diz respeito as possibilidades de uso da língua, na tentativa de aproximar a escola e a comunidade na medida em que leva os alunos a perceber a relação entre os conteúdos didáticos apresentados na sala de aula e a sua materialização na vida social incluindo aí, o estudo de conteúdos gramaticais componentes do programa de ensino de língua portuguesa, favorecendo, dessa forma, significantes melhorias na qualidade da aprendizagem, uma vez buscamos aproximar o ambiente escolar à

realidade vivida por cada aluno.

Nessa perspectiva, esta iniciativa se configura como uma proposta interdisciplinar, tendo em vista que as habilidades empregadas para realização das atividades propostas exigem a mobilização de conhecimentos pertencentes a diversas áreas do saber, dentre as quais gostaríamos de destacar a área de Língua Portuguesa, no que se refere aos estudos acerca dos gêneros textuais, e as disciplinas de Artes Visuais e Matemática, no que se refere as habilidades necessárias para diagramação da página virtual, além da mobilização dos conhecimentos em informática.

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo Geral

Tornar a prática da leitura e da escrita uma atividade significativa através da produção textual de gêneros informativos virtuais, com destaque para construção colaborativa de um blog.

4.2. Objetivos específicos

Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar os elementos que caracterizam o *blog*.
2. Discutir elementos que concorrem para construção de uma prática textual significativa abordando temas da realidade local, observando aspectos culturais e regionais, incentivando o estudante a refletir sobre sua comunidade.
3. Abordar os conteúdos gramaticais do ensino de língua portuguesa através do estudo das características de textos informativos com destaque para o estudo da linguagem empregada para o discurso jornalístico.
4. Empregar o gênero textual virtual *postagem em blog* como ferramenta de expressão.

5. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Este projeto didático será desenvolvido junto à turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas, no período referente ao 3º bimestre do ano letivo que compreende os meses de julho a setembro de 2015.

Para realização deste projeto estabelecemos a sequência metodológica descrita a seguir:

- ⤴ Inicialmente, como elemento motivacional, realizaremos um momento para que os alunos acessem alguns blogs para que fiquem familiarizados com as características do gênero em estudo.
- ⤴ Dando continuidade a nossa proposta, procederemos à caracterização do gênero textual *blog* identificando sua estrutura formal e composicional, bem como suas marcas linguísticas.
- ⤴ O próximo passo se destinará a organizar os alunos em grupos para que se possam realizar oficinas para construção e diagramação do designer gráfico do blog. Neste momento, os alunos deverão produzir textos informativos sobre as atividades realizadas na escola.
- ⤴ Finalmente serão realizadas atividades de avaliação a fim de que possamos obter um *feedback* sobre as ações implementadas pela proposta.

6. MAPEAMENTO DESCRITIVO DAS AÇÕES

MAPEAMENTO DESCRITIVO DAS AÇÕES				
AÇÕES	FORMA DE EXECUÇÃO	OBJETIVO	PERÍODO	RESPONSÁVEL
Apresentação do projeto	Seminário escolar	Sensibilização sobre a proposta	Julho/2015	Proponente
Acesso a <i>blogs</i>	Utilização de computadores disponíveis no estabelecimento escolar.	Analisar os elementos que caracterizam o gênero textual <i>blog</i> .	Agosto/2015	Proponente e alunos envolvidos no projeto.
Caracterização do gênero textual postagem em <i>blog</i>	Grupo de estudos na sala de aula	Analisar os elementos que caracterizam o gênero textual <i>blog</i> .	Agosto/2015	Proponente e alunos envolvidos no projeto.
Criação do <i>blog</i>	Oficinas temáticas para produção textual e para diagramação da página.	Desenvolver habilidades necessárias ao processo de diagramação e designer do <i>blog</i>	Agosto/2015	Alunos envolvidos no projeto.
Avaliação da execução do projeto.	Roda de conversa	Promover a prática da avaliação e da crítica construtiva.	Setembro /2015	Equipe.

II. QUESTIONÁRIO

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas

Professora: Joana Paula Costa Cardoso e Andrade

PERFIL DO ALUNO QUANTO AO ACESSO A *INTERNET*

1. Nome: _____

2. Indique seu sexo

() Masculino () Feminino

3. Indique sua idade: _____

4. Como você avalia seu conhecimento em informática?

1 - Ruim

2 - Regular

3 - Bom

4 - Ótimo

5. Você já usou computador alguma vez?

1 - Sim

2 - Não

6. Você usa o computador no seu dia a dia?

1 - Sim

2 - Não

7. Você tem acesso fácil a um computador quando precisa?

1 - Sim

2 - Não

8. O computador que você usa onde fica?

- 1 - Perto de casa
- 2 - Em casa
- 3 - Longe de casa

9. Você já usou a Internet?

- 1 - Sim
- 2 - Não

10. Você acessa a Internet em dispositivos móveis (marque uma ou mais opções, conforme seja o caso)?

() Celular () Tablet () Internet móvel banda larga () Não uso.

11. Você acessa a internet:

- () Em casa.
- () Na casa de familiares ou vizinhos.
- () Em lan houses.
- () No laboratório de informática da escola.
- () Em locais públicos, por wi-fi.
- () Não acesso a internet.

12. Em casa, você utiliza a internet:

- () Sozinho, tenho um computador só para mim.
- () Sozinho, mas divido o uso com outras pessoas.
- () Acompanhado de irmãos ou amigos.
- () Acompanhado de pais ou responsáveis.

13. Em relação à Internet, você:

- 1 - Está acostumado a navegar, e sabe navegar muito bem.
- 2 - Está acostumado a navegar, e sabe navegar bem.
- 3 - Já navegou pela Internet, e sabe navegar moderadamente.
- 4 - Navegou pouco pela Internet, e não sabe navegar muito bem.
- 5 - Já entrou na Internet, mas ainda não sabe navegar.
- 6 - Nunca entrou na Internet.

14. Com que frequência você utiliza a internet?

- 1 - Diariamente
- 2 - Duas vezes por semana
- 3 - Mais que duas vezes por semana

15. Em média, qual a duração de seus acessos?

- 1 - Até 30 minutos
- 2 - Até 1 hora
- 3 - Mais de 1 hora

16. Você habitualmente participa de fóruns e/ou listas de discussão?

- 1 - Sim
- 2 - Não

17. Você tem e-mail?

- 1 - Sim
- 2 - Não

19. Que tipos de conteúdo você acessa com maior frequência?

- () E-mail.
- () Redes sociais (Facebook, Orkut, Twitter...).
- () Sites de entretenimento (Blogs de humor, YouTube...).
- () Sites de informação (Revistas, jornais, blogs de discussão...).
- () Sites de busca e pesquisa (Google, Wikipedia...).
- () Sites ou programas de bate-papo.

20. Por quais meios você conhece os sites que acessa?

- () Indicação de amigos e familiares.
- () Através de outros sites.
- () Por outros meios de comunicação (revistas, jornais, televisão...).
- () Através de sites de busca e pesquisa.
- () Outro. Qual? _____

III. TEXTO PARA DISCUSSÃO INICIAL SOBRE BLOG

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas**Professora: Joana Paula Costa Cardoso e Andrade****Texto para discussão inicial sobre *Blog***

Como você sabe, a sociedade em que hoje vivemos é bastante influenciada pelo avanço da tecnologia, e nós temos de acompanhar toda essa evolução, não é verdade? E falando sobre estas inovações, sabemos que o “mundo” virtual disponibiliza muitos recursos para que possamos nos comunicar com extrema agilidade.

Basta lembrarmos de que antes utilizávamos as cartas para ns comunicarmos com amigos e familiares, hoje a situação é diferente, pois uma das possibilidades que podemos usufruir é o e-mail. E não é somente ele, mas também muitos outros canais permitem com que as pessoas do mundo inteiro interajam entre si.

E por falarmos nisso, iremos conhecer as características que constituem um desses meios de comunicação que, sem nenhuma dúvida você já deve ter visto várias vezes ou até mesmo possuir um. É do blog que estamos falando, representado por uma página da Internet na qual o emissor (a pessoa que escreve) registra suas ideias, sentimentos, fatos ligados à vida pessoal, expõe algum trabalho realizado, como, por exemplo, sua professora pode possuir um blog e nele divulgar todos os seus trabalhos



Os assuntos que são retratados no blog costumam variar, indo desde o relato das experiências pessoais até piadas, fotografias, notícias, novidades ligadas à vida social, enfim, sobre tudo que se pretende produzir. Alguns blogs deixam de ser pessoais e passam a ser comunitários, revelando assim as experiências de um grupo de pessoas. É como se você e todos os craques de futebol da sua escola resolvessem criar um, já imaginou como seria interessante? Caso isso aconteça, todas as pessoas que acessarem terão a oportunidade de conhecer as novidades e até fazer comentários sobre o assunto.

Fonte: <http://www.escolakids.com/conhecendo-sobre-mais-um-genero-textual-o-blog.htm>

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas**OFICINA DE PRODUÇÃO TEXTUAL****1ª opção**

Escreva um texto informativo sobre as festividades de aniversário de 33 anos de fundação da Escola Odilon para postagem no blog Nosso Lugar no mundo.

2ª opção

Escreva um texto informativo sobre as atividades desenvolvidas durante a execução do projeto A Questão Ambiental na Escola.